

RELATO DE PROCESSO

Dire ce qu'on ne pense pas...dans des langues qu'on ne parle pas



Guilherme Bonfanti

Novembro/2014

INTRODUÇÃO

Por Francisco Turbiani (Revisão e diagramação)

O presente relato foi realizado ao longo da criação da luz do espetáculo *Dire ce qu'on ne pense pas...dans deslangues qu'on ne parle pás* (Dizer o que você não pensa... em línguas que você não fala). O projeto, uma coprodução do Festival de Avignon e do Teatro Nacional Bruxelas com a participação do Teatro da Vertigem, foi apresentado durante o primeiro semestre de 2014.

No documento, construído aos poucos, está registrado cada etapa do processo criativo de Guilherme Bonfanti, desde as articulações prévias para sua realização até o dia da estreia. Esse procedimento criou um material único.

Conforme a data se aproxima, as reflexões mais longas perdem espaço para as anotações dos “passadões”, provavelmente digitadas no curto espaço de tempo após um longo dia de trabalho. Os relatos iniciais possuem meses de distância, enquanto os últimos são praticamente diários. O tempo verbal transita entre o presente e o pretérito. Há uma variação formal, intimamente ligada a cada momento do trabalho.

Durante a revisão e diagramação do documento, escolhemos preservar todas essas características únicas, por acreditar que elas só fazem tornar o texto mais vivo e, assim, um retrato mais fiel dessa experiência. A própria forma textual é parte do registro.

Desse modo, durante a leitura, é interessante notar como os pontos mais significativos do material não são aqueles onde se apresentam as certezas, mas sim aqueles repletos de dúvidas, apostas, inquietações, dificuldades. Guilherme é generoso em não esconder nada, em deixar claro que, mesmo com sua longa trajetória como Light Designer, seus processos de trabalho junto ao Teatro da Vertigem seguem sendo um espaço de aprendizado e de descoberta.

Ao final deste documento, é possível encontrar alguns anexos que complementam este texto. São relatos de alguns colaboradores do trabalho, que nós ajudamos a enriquecer ainda mais o registro do que foi este processo, além de entender um pouco mais afundo algumas peculiaridades técnicas do trabalho.

RELATO

JANEIRO DE 2011 – ANTECEDENTES

Estivemos em Bruxelas durante o Evento Europália, cujo país tema era o Brasil. A cada ano eles escolhem um país diferente. Nessa edição fomos convidados pelo escritório de arquitetura L'escaut, cujo arquiteto principal é Olivier Bastin, que é também o Mestre Arquiteto de Bruxelas. Trata-se de um profissional que pensa a cidade e suas **estruturas**. Neste caso, seu trabalho será o de desenvolver um olhar urbanístico pelos próximos 20 anos. Este convite foi feito a partir de uma escolha dentre diversas companhias no Brasil que trabalhavam com a perspectiva da cidade. A proposta de trabalho na Bélgica era de uma residência artística.

Ficamos lá por um período de trinta dias. Nossa rotina consistia em conhecer a cidade, guiados por Olivier e sua equipe. Pudemos conhecer a cidade e as questões que a permeavam: um lugar absolutamente dividido. Pela língua, pois uma parte da cidade fala francês e outra flamân. Por uma linha de trem, que cindiu a cidade entre pobres e ricos, o que antes era dividido por uma muralha depois foi pela linha do trem. Por etnias que se agrupam em bairros: magrebinos, turcos, chineses, muçulmanos, flamâns e francofônos.

Enquanto estivemos por lá, trabalhávamos em caminhadas de 08 a 10 horas pela cidade e com encontros onde nos colocávamos e expúnhamos nosso processo criativo, luz, encenação, trajetória da companhia etc. Junto com isso os arquitetos nos apresentaram seus métodos e processos. Algumas rodas de discussão foram feitas com temas propostos por nós e por eles: ressentimento social, avanço da extrema direita, prostituição, ambiguidade nos discursos: a direita com um discurso que foi de esquerda, divisões dentro do próprio país.

Este mês de trabalho, pesquisa e discussão, nos colocou a necessidade de fazermos algum tipo de experimento artístico. Depois de algumas conversas decidimos por uma performance que traduzisse nossa visão destas divisões, destas separações.

O trabalho consistiu em usarmos as fitas que separam um canteiro de obras da circulação da rua (o que no Brasil é feito pelas fitas zebreadas, com elas

amarrávamos as pessoas e as prendíamos em postes, andavam amarradas pelo metrô). Isto gerou algumas reações fortes, pois estas figuras foram colocadas ao longo de uma linha do Tram 51, e nesta linha tínhamos estações em bairros muçulmanos, ao me verem prender Alicia, que participava conosco, alguns homens se aproximavam pra indagar o motivo daquele ato, alguns tentavam soltar Alicia.



Figura 1 Intervenção realizada pelo Teatro da Vertigem, em 2011, em Bruxelas.

Após este dia finalizamos nossa residência. Paralelamente, como já tínhamos o convite para o Projeto do Villes en cene, tratamos de ter alguns encontros entre nós para começarmos a desenhar o projeto. Nestes encontros Bernardo Carvalho, que veio a ser dramaturgo do projeto, estava junto e aproveitamos para discutir quais seriam nossos temas. Nestes encontros fizemos um pequeno processo teórico. Bernardo propôs algumas discussões, outras também propostas por Antônio Duran. A idéia aqui era de Bernardo trazer um texto pronto, pois não tínhamos tempo e não tínhamos o desejo de um processo de escrita do texto colaborativamente.

Bem antes disso estivemos na Alemanha com Apocalipse 1,11 e lá, como em outros festivais europeus, fomos vistos por Agnes Trolle e Olivier Py, que trabalhava

na época no Teatro Odeon de Paris. Alí um projeto de Antônio dirigir alguma produção europeia começou a se desenhar. Isto acabou virando o convite para um projeto aprovado pela Comunidade Européia com o nome de Villes en Cene. São convidados sete diretores para fazerem um espetáculo sobre a cidade europeia. Dos sete diretores o único não europeu foi Antônio. Como tínhamos feito esta residência em Bruxelas nossa cidade escolhida foi Bruxelas, por conta de nosso trabalho anterior. A partir deste convite começamos a traçar os caminhos deste projeto.

ABRIL DE 2013

Antônio e eu fomos para um primeiro encontro onde traçamos os caminhos de produção e fizemos audições para elenco. Além disso, tivemos encontros com diversos criadores. A equipe ficou desenhada da seguinte forma:

Direção: Antônio Araujo

Texto: Bernardo Carvalho

Direção de Arte: Marcos Pedroso

Luz: Guilherme Bonfanti

Musica: ainda em aberto, escolha feita a partir de encontros com nomes sugeridos por eles.

Figurino: ainda em aberto, escolha feita a partir de encontros com nomes sugeridos por eles.

Vídeo: ainda em aberto, escolha feita a partir de encontros com nomes sugeridos por eles.

Elenco: Dois atores brasileiros (Roberto Audio e Luciana Schwindem do Vertigem) + seis atores europeus.

Equipe de trabalho do Brasil:

Assistente de direção: Eliana Monteiro

Produção: Roberta Val

Estas duas áreas não estavam contempladas no projeto e estávamos trabalhando pra isso. Ainda no Brasil aproveitamos pra trabalhar o texto e poder

chegar com uma ideia desenhada de projeto. Estão conosco neste projeto os atores João Autty, Sofia Boito, Mawusi Tulani, Daniel Farias, Renato Cardoso, e como dramaturgs Silvia Fernandes e Antônio Duran auxiliando.

A produção é do Teatro Nacional de Bruxelas e do Festival de Avignon, pois o projeto saiu do Teatro Odeon e migrou para lá.

As conversas foram um pouco duras. Não temos autonomia de produção, não se trata de um trabalho do Vertigem e sim do Diretor Antônio Araujo. Com isso estamos em uma situação de criação absolutamente nova. Serão sete semanas de ensaios, o que pra nós é muito complicado, mas seria impossível desenvolver aqui um trabalho de um ano. Os custos seriam muito elevados pra isso. O que nos coloca uma questão e nos fez pensar em um pré-desenvolvimento de ideias no Brasil. Nestes experimentos no Brasil podemos pensar ideias para a encenação, luz, texto, espaço.

MAIO A SETEMBRO DE 2013

Voltamos ao Brasil e Bernardo pediu três meses (maio a julho) para escrever o texto. Com um pouco de atraso lemos o texto em setembro. Antes disso aproveitamos para aprofundar um pouco mais as questões teóricas sobre o projeto. Estudamos um pouco temas ligados às questões do que seria Direita e Esquerda, Capitalismo nos dias de hoje e uma leitura e discussão do livro de Maria Rita Kehl: *Ressentimento*.

Neste meio tempo tivemos também três seminários que serviram pra este aprofundamento. O primeiro com Peter Pel Palbert, acerca das relações com o outro, o convívio das diferenças e a aceitação das diferenças, como culturas diferentes convivem/vivem numa mesma cidade. O segundo com Maria Rita Kehl sobre seu livro, tentando trazer uma perspectiva mais coletiva e social/econômica/política pra esta abordagem. O ultimo com Luiz Recaman sobre urbanismo e constituição das cidade a partir de sua ocupação.

Fizemos finalmente a leitura da primeira versão do texto, com algumas discussões sobre possíveis cortes. Uma segunda leitura e mais uma rodada de discussões. Mais proposição de cortes. Uma terceira leitura, com ainda mais

proposições de corte. As duas últimas leituras foram feitas com atores, sempre com uma discussão sobre o texto.

- Aqui dou um salto por achar este momento do processo colaborativo algo sempre muito preocupante pra mim. Sinto que perdemos muito tempo, uma visão absolutamente particular. Por ocasião da leitura do texto com os atores brasileiros o texto foi muito criticado, discutiu-se muito sobre os personagens a falta de desenvolvimento deles. Foi lococada até certa fragilidade que o texto apresentava. Pois bem, estreamos em Bruxelas e uma das coisas mais elogiadas em todas as criticas e por todos que assistiram era sobre o texto e suas qualidades, a atualidade da discussão proposta. Criticos importantes e pessoas importantes, além de gente que ve sempre o Vertigem e nos deu depoimentos que este trabalho diferente dos demais tinha um texto muito forte e era o grande condutor do trabalho. Contradições do processo colaborativo.

OUTUBRO DE 2013

Terminamos esta etapa com a ida a Bruxelas durante o mês de outubro de 2013. Temos uma programação definida que inclui:

- Visita técnica ao espaço escolhido para o espetáculo, A Bolsa de Valores, em Bruxelas.
- Encontros com criadores para definir a equipe de criação.
- Visitas a Avignon na França, Sibiu na Romenia e Aurillac.

Depois das visitas Antônio, Marcos e eu ficamos por mais quinze dias para podermos ter tempo de vivenciar a Bolsa e de vivenciar um pouco mais a cidade. O trabalho em Bruxelas seguiu com encontros com criadores, de áudio, de vídeo e figurinistas. Alguns interessantes, outros muito técnicos e alguns que não nos parecem interessantes. Difícil a escolha. Um criador pode ser excelente, mas seu espírito de colaboração ruim. Como definir isso? Como perceber isto? Após alguns encontros fomos pela primeira vez na Bolsa de Valores, onde acontecera o espetáculo e começamos a pensar em como realiza-lo lá. Isso ocupou um dia e meio de trabalho nesta primeira etapa. Pensamos várias coisas, ainda como primeiras

possibilidades. Contudo, aqui uma questão já se impõe: tenho de sair de Bruxelas com um rider de luz definido para a nossa volta no próximo ano.

Viagem a Avignon para ver o espaço. Seguimos de Bruxelas a Avignon. Trabalhamos um primeiro dia pensando possibilidades e levantamos a sequência de cena nos seus respectivos lugares. Um dia tenso e exaustivo. Temos muito pouco tempo pra fazer tudo isso, três dias somente.



Figura 2 Fachada do Banc de France, em Avignon.

No segundo dia no espaço, continuamos nosso trabalho, tentando fechar um roteiro de ocupação. Marcos e eu tentando fechar um pré rider ¹. Dia intenso. Muito complicado pensar uma luz para um espetáculo que ainda não esta pronto, que nem sequer começou. A relação com o espaço tende a ser técnica, puramente funcional. Fico pensando quando terei o tempo de vivenciar o lugar e extrair dele a mesma inventividade que venho tendo em outros trabalhos. Se o tempo me

ajudou no Bom Retiro a “descobrir” a rua, isto não vai acontecer aqui.

Marcos me ajuda muito com suas provocações e ideias de utilização do espaço. Provoca-me no sentido de utilizar os elementos que estão lá. Olho pra tudo quanto é lado, existem luminárias de fluorescentes que pretendo utilizar, existem dicroicas, todo um forro foi arrancado revelando a parte estrutural de cabos, ar

¹ Lista de materiais e equipamentos utilizados em um determinado trabalho.

condicionado, fios e cabos de rede. O prédio era um banco, tem tudo a ver com a peça. Um banco que fechou, em crise, abandonado há mais de 10 anos, sujo. Por se tratar de um banco tem ainda a estrutura de segurança presente e isso é algo que devo pensar e trabalhar.

Após dois dias olhando o espaço começo a ter mais ideias e ver algumas possibilidades para a luz. No primeiro dia me empolguei em fazer uma luz absolutamente sem refletores, incorporando em meu projeto somente as luminárias existentes no espaço. Contudo já no segundo dia essa idéia começa a ruir. O cronograma fala mais alto. Não vou conseguir experimentar, algo muito importante em meu trabalho, por conta do tempo.

Trata-se de um Festival gigante e tempo de trabalho significa dinheiro, o que não se acha com facilidade. Todos são pragmáticos e trabalham com previsão orçamentária, não existe estouro, tudo tem que



Figura 3 Luminárias internas do Banc de France, em Avignon.

estar dentro do programado. Como decidir pelo uso deste tipo de equipamento sem acendê-lo, transforma-lo, entender como extrair dramaticidade disto tudo? O uso de site specific nos coloca diante de situações difíceis que somente o tempo pode ajudar a resolver. O dia a dia dentro do espaço nos faz perceber suas dimensões, suas características, sua personalidade, como a luz se comporta neste ambiente, qual o dialogo entre luz e espaço, como articular a passagem de uma cena a outra, a instalação elétrica, as atmosferas, o lugar onde fica a técnica e mais, se tudo o que pensamos faz sentido.

Nesta situação que estamos vivendo, com um espetáculo que ainda não está em pé e numa situação absolutamente desconhecida, isto me parece um tiro no escuro. Mas não tenho como fugir, pois em dois dias tenho que dar respostas ou deixar pistas para que os técnicos consigam dimensionar o que preciso e chegar a um número. *O trabalho artístico reduzido a um número.* E este pode ser decisivo para o espetáculo acontecer neste ou naquele lugar. Limites da criação, o momento livre da criação e a sua adequação a realidade. Normalmente o tempo nos ajuda a resolver esta equação, mas aqui sobram dúvidas e as certezas são mínimas, mas para deixar pistas temos que apostar nas dúvidas e transforma-las em certezas. Aqui pesa a experiência de estar há mais de 20 anos criando nesta perspectiva do site specific.

A Direção em um ou dois dias fecha um percurso no espaço, e eu devo ir atrás criando minha luz para cada momento, algo estanque, frio, distante da presença física do ator, da música e do olhar da Direção de Arte. Qual a certeza que tenho de que estas decisões da Direção serão executadas? Como lidar com uma estrutura que me pede definições e uma Direção que é porosa ao processo e pode mudar as decisões tomadas a qualquer momento? Acho que a Direção tem que trabalhar no sentido de deixar tudo o mais coerente possível, mas para algumas áreas mudanças implicam em uma série de ações. Para tirar a cena de um lugar e andar com ela alguns metros a frente somente, implica as vezes em um dia inteiro de trabalho para a luz, pois são cabos, refletores, fixação a ser resolvida, afinação etc.

Temos que ser abertos, criar mecanismos para fazer frente a essa situação e ser absolutamente desapegados às ideias iniciais. Aquela certeza que buscamos dentro da insegurança inicial e do pouco tempo pra definições devem dar lugar ao que for preciso fazer para um melhor resultado, por isso precisamos de equipes de trabalho que entendam uma luz em processo e tenham uma mínima noção de experimentação e mais, quer comprem o projeto e se envolvam, façam parte dele.

O espaço em Avignon foi um banco durante muitos anos (Banc de France) e todas as características dessa arquitetura estão presentes. Diversos ambientes blindados, por vidros com esquadrias de metal. Portas com detector de metais que divide os ambientes (Exemplo: Onde o público tem acesso esta absolutamente

blindado, não se pode acessar o outro ambiente onde estão os caixas). Existe no espaço utilizado como sala de controle, neste lugar será a house mix e dali se pode ver todo o espaço da entrada; pátio interno e piso térreo. Existe uma peculiaridade no espaço que é o segundo e terceiro piso. Estes pisos também serão utilizados pelo espetáculo e eram a moradia do Diretor do Banco. Ali em cima não existe blindagem dos espaços, são salas, quartos, banheiros e cozinhas, saindo deste ambiente do segundo pavimento temos uma terraça enorme onde podemos avistar parte da cidade.

Estas características arquitetônicas estão determinando a encenação e colocando os personagens em relação. Estamos numa fase de descobrir possibilidades e não afastar nenhuma delas. Temos dois ou três começos possíveis e estamos longe de definir qual o melhor. Sinto que estas dúvidas virão para os primeiros dias de ensaio e somente com os atores nos possíveis lugares das cenas é que isso irá se definir. O que me deixa pensando que ter um desenho neste momento é prematuro, o que posso pensar é sair de Bruxelas no final de outubro com um rider técnico, sabendo o que irei usar, mas onde utilizar cada elemento, não sei.

O repertório luminotécnico do espaço é muito pequeno, como o espaço virou expositivo não existem muitas luminárias, alias existem pouquíssimas. O que tenho são luminárias com lâmpadas de vapor/disparo em refletores grandes e sempre virados para o teto. Nada disso me serve ou se relaciona com o que era o espaço.

Viagem a Sibiu, Romenia. Vamos lá. Agora o desafio é maior. Em dois dias tenho que fazer o que ainda não fizemos: fechar uma ideia de luz. Como ensinar para que os aprendizes (da SP Escola de teatro, onde atuo como Coordenador de Iluminação) primeiro estudem o tema que vamos trabalhar, depois estejam presentes nos ensaios para daí começar a pensar nos equipamentos? Como explicar que no Vertigem levo um, dois, três anos pra fechar um projeto? Pesquiso, experimento e somente depois defino meu projeto. Como explicar que aqui estou fazendo todo o contrário do que fiz durante vinte anos? Penso que a única explicação pra tudo isso é que não existe um único processo, existem processos.

O plano ideal guardamos a sete chaves e o preservamos. Mas o conhecimento, o estudo da técnica, o uso de referencias, o repertório, isto sim deve estar a nosso serviço para podermos lidar com estas situações de urgência. Trabalho em site specific há mais de vinte anos, isto me ajuda a entrar e observar as potencialidades que o espaço me dá enquanto atmosferas, quais as possibilidades de dialogo com aquela arquitetura, que tipo de luz habita este espaço, o que ele é, o que ele foi e quais as possibilidades técnicas que tenho. Como esconder meus equipamentos, qual será o caminho dos cabos elétricos?



Figura 4 Vista externa do edifício em Sibiu.

Em dois dias, já temos feito adaptações de um trabalho que sequer estreou. Novamente vem meu receio de não dominar o processo criativo e de estar sendo funcional e técnico demais. Vamos ver. Teremos dois dias intensos por aqui e tenho muita dificuldade técnica. Trata-se de um prédio com colunas de mármore, espaços vazios no térreo, primeiro e segundo piso, todos se comunicando com um grande

vão, de 13.00 m. As escadas usam mármore no piso e guarda corpos e corrimãos de alumínio. As colunas são de mármore claro e o piso escuro com alguns contornos claros como as colunas. O prédio é todo de vidro o que dá uma transparência para a cidade. O pé direito dos espaços é baixo deve ter uns 3,50 no máximo e é todo de forro de material ortofônico, as placas se soltam e talvez eu possa fixar meus equipamentos entre o forro e a laje.

A viagem a Sibiu se mostrou mais tranquila do que eu esperava. Nosso exercício abstrato de adaptar o que ainda não está feito está se tornando muito



Figura 5 Vista interna do edifício em Sibiu.

simples. Aqui em Sibiu algumas dificuldades extras. A Agência de banco está em funcionamento, tenho de fazer uma instalação que leve em consideração o fato de que não posso alterar significativamente o andamento do trabalho.

Após uma noite observando como a luz da cidade interferia no espaço, percebemos a necessidade de minhas traquitanas do Bom Retiro viajarem para Romênia. Poderia ser muito interessante acender e apagar a cidade, mas ainda pensamos em cortinas como

solução, pois os carros incomodam. Estamos discutindo cidade europeia e queremos o recurso de apagar a cidade, na verdade não é apagar, mas controlar sua luminosidade. Bem mostrei minhas fotos para o Diretor Técnico local, Florine, e ele não se entusiasmou. Aliás, isso eu já me acostumei, entusiasmo por aqui só vimos quando o país por onde passamos fechou sua participação na Copa do Mundo no Brasil. Todos loucos gritando na rua “Brézil“. Eles acham que chegando aqui verão mulheres nuas e poderão fazer sexo a qualquer hora. Cliche, chavão, preconceito.

Ainda nos dão “buenas noches”, fazer o que..... Lutamos para fazer um teatro que discuta as questões urgentes para o mundo, e para nós, assim aos poucos vamos mostrando que existe inteligência abaixo do equador.

Conseguimos fechar uma adaptação que nos parece interessante e aqui surgiu uma discussão. Tó perguntou o que achávamos Marcos e eu, de começarmos o espetáculo durante o dia e toda a primeira parte da peça, por volta de 1/3, ser com a luz do dia. Argumentei que ele deveria pensar o que é um espetáculo nosso sem a construção das imagens que costumamos construir. Que nosso espetáculo não se baseava apenas no texto e no trabalho de ator, que a imagem tinha um espaço muito grande no trabalho e agregava muito sentido. Logo, havia um grande significado tirar a imagem da peça e ficar com texto e ator. O controle da luz faz com que consigamos construir a imagem como queremos, agregando a ela o vídeo.

Continuamos a noite.

Fomos muito bem recebidos pelo Diretor do banco, aqui não teremos problemas. Nosso problema maior é o quanto o Festival terá condições de nos atender tecnicamente. Sinto que eles tem dificuldades de grana e por termos trabalhado em Moscou, também leste europeu, acho que teremos muitos problemas e muitas dificuldades. No final das adaptações sempre fazemos o percurso com a Direção Técnica e vamos falando onde a cena se passa, o que tem de luz, de cenário etc. Terminamos o percurso com Florine dizendo que estava tudo bem e que eu era seu inimigo. Uma brincadeira pra dizer que ele tinha ficado muito preocupado. Em seguida fui dando soluções pra ele e diminuindo um pouco o que tinha pensado em fazer aqui e ali. Minha ideia original era esconder toda a luz entre as placas do forro e a laje, mas já sei que isso vai ser difícil demais por aqui. Já vejo o sofrimento da montagem pela frente.

Viagem a Aurillac. Estamos muito cansados, temos trabalhado seguidamente e feito adaptações, uma em cima das outras, sem descanso, sem tempo de reflexão e sem poder voltar a elas e checar o que pensamos. O que foi feito é guardado e começamos uma nova. O que percebemos é que neste trabalho de *adaptações* fomos firmando um percurso e um conceito para o espetáculo. A primeira parte em contato com a cidade, sempre utilizando a fachada dos edifícios, uma segunda

parte no primeiro pavimento e a terceira parte ocupando o ultimo andar, com exceção da Bolsa em Bruxelas, que é completamente diferente.

Aqui em Aurillac estamos em um prédio todo pensado para a economia de energia. Na verdade, eles não são só auto sustentáveis mas produzem energia além do que utilizam. Tudo é feito com bambu, com exceção da fundação do prédio, e tudo é de vidro. O prédio não é muito largo, tem três pavimentos e não possui elevador, e os bureaus são com grandes janelas de vidro e dão para um vão interno todo de vidro. É muito aberto e recebe muita luz externa. Absolutamente silencioso e triste. Não sei porque mas a atmosfera é de tristeza silenciosa. Nosso desafio aqui vai ser dialogar com esta arquitetura e com esta sustentabilidade. Penso em utilizar somente LED, vamos ver.



Figura 6 Vista externa do edifício em Aurillac.

Tem uma entrada com janelas formando um U e um centro coberto, o que pode acomodar bem o publico para a primeira parte. Depois entramos para uma área interna com vidros numa altura de três andares e passarelas de ferro vazado

dentro desta imensa parede de vidro, o que pode ser muito interessante. A nossa frente se abrem duas escada que levam ao primeiro piso ficando de frente pra nós o corredor do primeiro e segundo piso, formando assim níveis, todos eles com visibilidade de baixo.

Ontem, dia 21.10, aproveitamos a noite para *estudar* a luz do espaço e a relação da luz urbana com ele. Urbano aqui é nulo, pois o banco fica um tanto isolado e trata-se de uma cidade muito pequena, agrícola na sua essência, portanto a luz do exterior do edifício não influencia em nada. O edifício tem um tratamento de cor nos seus espaços que faz com que a luz tenha qualidades diferentes. Salmão, Amarelo, Azul, Verde, mas tudo isso em tons pastel, muito suaves. Ficamos parados na rampa onde o publico vai ficar no inicio e pudemos ver as janelas internas se acenderem uma a uma criando desenhos horizontais interessantes. Umas grandes e outras com ambientes menores criam uma dinâmica no espaço muito boa. A imagem fica wide screen e depois mais quadrada, criando variações de linhas.



Figura 7 Espaços do edifício com tratamentos diferentes de cor.

Temos ainda as diferentes cores presentes nos ambientes, o que produz uma qualidade de branco muito distinta entre um espaço e outro. Minha questão não é usar ou não usar, pois meus trabalhos contém este dialogo com a arquitetura, mas sempre transformando a luz do espaço e não simplesmente se apropriando do que esta dado. Aqui eu preciso entender onde estão os comandos, como edito estas cenas, pois tudo sairia de minhas mãos e iria para os atores, nada demais. A qualidade da edição das imagens vai ser sempre dura, eliminando as possibilidades de fusão de uma imagem para outra, mas me parece interessante pensar um projeto que se utiliza disso.



Figura 8 Vista interna do edifício.

Dentro do edifício temos o grande paredão de vidro com seus três níveis, separados por pisos de grade vazada, com alguns *refletores* instalados, com lâmpadas de descarga, são uma espécie de panelão, uma luz aberta e direcionada pro piso. Obsevando-a me deu a ideia de que posso ter uma linha de movings fixados nos mesmos lugares e dali fazer várias cenas. Usaremos o lado frontal a esta parede de vidro e também o lado de dentro. A escada que leva para o piso superior tem fita led em seu corrimão o que cria um desenho interessante no piso da escada, isolando-a do restante do ambiente. Podendo ser um recurso bacana. O ideal seria eu ter uns dias aqui com atores ensaiando e eu estudando estas possibilidades. Mas isso não irá acontecer e tenho que me virar com o pouco tempo. Aborto esta possibilidade? Vamos ver como termina o dia.

FEVEREIRO DE 2014

Retornei a Bruxelas (16.02.2014) para dar início ao meu trabalho. Cheguei doente com uma virose e fiquei de cama 16, 17, 18 e 19. Consegui ir ao Teatro para ver o primeiro corrido. Mesmo doente no dia da chegada participei de um encontro artístico onde cada um expôs seu projeto. Pude ver que todos estão trabalhando na mesma direção, três planos: 1 - real, 2 - mistura do real com o fantástico e 3 - o fantástico. Ficamos um bom tempo vendo/ouvindo a fala de cada um. No dia seguinte pela manhã tivemos um encontro mais focado na técnica e apresentei minhas duas possibilidades de projeto: 1 - equipamentos convencionais, e muito equipamento; 2 - Automatic (Moving Lights), com bem menos equipamento e muito mais possibilidades de efeitos. Além do que temos sérios problemas de energia pois a carga disponibilizada é muito restrita para tudo (125 A).

Fui ao Studio este dia.

Temos uma equipe técnica a nossa disposição. Meu assistente é Jody, um técnico absolutamente capaz, envolvido e com domínio técnico. Tenho uma estrutura montada a partir de uma planta que envieie. Nesta planta esta afinado um plano geral, com Fresneis de 2000w e PCs de 1200w além de Decoupé Robert Juliat de 2000w. Entrei na sala para ver o primeiro ensaio e fiquei absolutamente emocionado. Estava fragilizado fisicamente e isso me deixou fragilizado emocionalmente, além do que ver os atores belgas dando vidas a personagens que preparamos por tanto tempo, isso foi demais pra mim. Jody se virou como pode, com sua lógica de luz: toda branca, sem cor, sem contraste como estou acostumado. Achei tudo muito comportado e seguro. Operou direitinho. Na sala temos uma estrutura de praticáveis para que os atores façam suas cenas nos lugares mais ou menos onde irão estar.

Conversei por um tempo com ele, Jody, sobre meu projeto e minhas necessidades. O fato de querer trabalhar com os Automatics (moving Lights) e diminuir os equipamentos.

Marcamos para terça de manhã e acabamos na quarta de fazer um desenho para este período final. Tratei de fechar mais a luz e criar um ambiente para cada cena, com um tratamento diferenciado para cada uma. Fluorescentes para

Banheiro, Polícia e Médico, luz fria para o aeroporto e luz quente para os ambientes domésticos. Criei ainda uma espécie de luz de transição usando os famosos Svobodas e soube por Jody que estes Svobodas que tenho em mãos são os primeiros fabricados na Europa, foram utilizados pelo próprio Svoboda aqui no Teatro Nacional.

As Cenas são:

- 1- Agente e sua mulher.
- 2- Auto estrada.
- 3- Aeroporto.
- 4- Casa do Sindicalista.
- 5- Médico.
- 6- Procurando pelo pai.
- 7- Sociedade de Economia.
- 8- Delegacia.
- 9- Gamine/Karaoke/Jantar com o pai.
- 10- Delegacia com Facista.
- 11- Bar.
- 12- Casa de Elizabeth
- 13- Casa do Golpista.
- 14- Banheiro
- 15- Embaixada/Manifestação
- 16- Trepada/encontro
- 17- Guia Turística
- 18- Conferencia Final.



Figura 9 Três imagens do Studio de ensaio: a) A mesa da técnica e os equipamentos de controle, b) bateria de refletores Svoboda e c) atores em cena durante um ensaio.

Estamos prontos para esta etapa final e para um corrido de todas as cenas trabalhadas. Estes são os cronogramas que recebemos diariamente:

Bonsoir,

Voici notre planning pour ce mercredi 23/04:

Avec Tó:

14h - 15h30: Workshop Vanja karaoké + scène père-gamine (Didier, Vanja)

15h30 - 17h: Commissaire - leader fasciste (JP, Vanja + Claire)

17h - 18 Guide touristique (Vanja, Beto, Lu)

18h - 19h Société d'économie (Lu, Claire)

Avec MC:

15h30- 16h30: Société d'économie/coupes texte (Claire, Lu)

Avec Maria Clara et Eliana

17h - 18h: Rencontre Agent et Fille: coupes + travail de scène (Nicolas, Claire)

18h - 19h: Travail avec Didier (père aphasique)

Des bisous, a domani.

Maria Clara é a assistente franco/brasileira de Antônio Araujo. Cabe salientar que estamos tendo muitas dificuldades com Produção, com a maneira com que produzem. Ficamos sem notícias todo o tempo e as conquistas são morosas, nunca sabemos se iremos conseguir o que precisamos ou não. Estamos trabalhando em uma instituição secular e isto é uma amarra enorme. Além disso, tivemos uma mudança de cenógrafo faltando 15 dias para viajarmos a Bruxelas o que criou-nos um problema pois tudo estava desenhado, pensado, porem nada iniciado. Mas ai mudamos sem a menor convicção, alias, fomos forçados a mudar. Os ritmos, as experiências e a visão de espaço são absolutamente diferentes. Estamos lidando com isso.

24.04.2014

Hoje o dia iniciou com uma reunião com a Técnica: Yvan Harcq, seu assistente Guillaume; Pi, nosso regisseur generale; Jody, que esta fazendo assistencia para mim e seu chefe Gregory. Como sempre eles vieram com todos os “não” possíveis para a fixação de meus Moving Lights, conforme desenho abaixo.

Fiz um estudo, gastei um tempo pensando e ao chegar aqui, há exatos 08 dias do inicio da montagem eles descobrem que não posso fazer do jeito que estou pensando e projetando. Pior de tudo é quem nem pensaram em chamar um engenheiro, um especialista em estruturas para dizer se a cornija sustenta ou não os meus equipamentos. Se tivessem, ao longo deste período, estudado, olhado meu material teriam achado uma solução, o que me leva a crer que o problema com a tecnica é universal, não existe um comprometimento com o projeto artistico, existe sim uma tentativa de adequar o projeto a capacidade de realização e do conhecimento deles. A superação, usar o proprio trabalho como um aprendizado pra sair desta experiencia com um novo saber, isto não se passa pela cabeça deles. Neste sentido os problemas que enfrentei ao longo de minha vida no Vertigem e que me levaram a formar novos técnicos me parece iguais aqui, só que não tenho o tempo necessário pra reverter isto. O que me coloca em uma situação muito mais delicada.

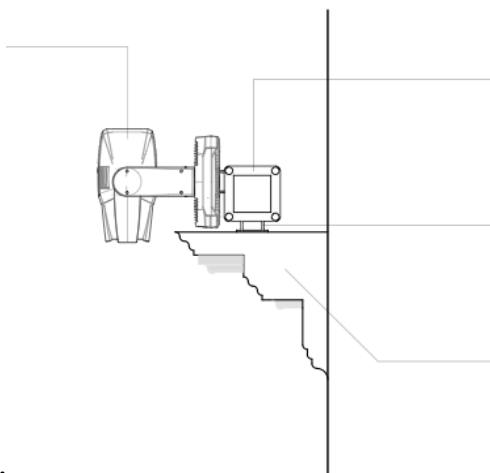


Figura 10 Projeto inicial para fixação dos Moving Lights.

A promessa é que a empresa contratada para alugar e montar os equipamentos ira visitar a Bolsa e pensar em uma saída para a fixação dos equipamentos, ao mesmo tempo irei com Jody fazer uma visita lá para pensar alternativas pois, pelo que senti ao sair da reunião, isto não irá se reverter.

São coisas normais do processo. Serial lindo se eu pudesse ter sempre o que quero, mas vou encarar a garantia de ter todos os *Clay Paky* como uma vitória de meu projeto. No Brasil dificilmente eu conseguiria ter 12 *Alpha Profile* e 12 *Alpha*

Wash, além das 40 PAR LED e das 12 ribalta LED.

Agora é voltar a estudar as possibilidades. Eu sempre soube que nossa VT (visita técnica) me daria um caminho, mas não todas as respostas.

25.04.2014

Cronograma do dia

C'est parti pour demain!

Avec TO:

14h - 14h45: Ambassade (Luciana, Vincent)

14h45 - 16h15: L'escroc (Nicolas, Claire)

16h15 - 17h15 : L'homme aux toilettes (Vincent, Claire)

17h15 - 18h : Chez le syndicaliste (Vincent, JP, Claire, Didier)

Avec Maria Clara (coupes)

14h - 14h45 : L'escroc (Claire, Nicolas)

Avec Maria Clara et Lili

15h - 16h30: travail avec Didier

18h - 19h: Pause

19h - 20h: Workshop Nicolas

20h - 21h: "rencontre" (Nicolas, Claire)

21h - 22h: Conférence (Claire, JP, Vincent)

Comecei o dia com um encontro na Bolsa. Lá estavam Ivan (Diretor técnico do TN), Guillaume, seu assistente, Cedrick, do audio, Greg, Jody e Undine da luz, Pi, nosso regisseur generale. Junto conosco o técnico responsável pela empresa que ira alugar os equipamentos de luz. Ele foi na condição de me dar uma solução técnica para a fixação dos movings, algo que até então estava vetado, porque a cornija não suportaria o peso. Iniciamos a conversa com o classic “não”. Depois veio a idéia horrorosa de usarmos três quadrados de truss 0.50 cmt X 0.50 cmt fixados

na cornija e com os equipamentos fixados neste truss. Isso foi abolido imediatamente por mim. O que faríamos com esta interferência enorme no espaço? Apelei para a sensibilidade e disse que entendia que a estrutura facilitaria a instalação, mas que não se tratava de rock and roll e que o equipamento deveria desaparecer. Insisti que deveríamos examinar de perto a cornija para daí sim definirmos pelo não.

Finalmente conseguimos subir e pudemos constatar que a cornija é oca e fechada com tabuas muito finas. Caiu por terra definitivamente minha possibilidade de fixação neste lugar. Passamos a examinar o espaço do teto e finalmente o técnico achou uma possibilidade melhor que a minha. Andando pelo teto descobrimos uma porta que nos leva ao teto de vidro. Ali pudemos constatar que os primeiros vidros podem ser abertos, criando assim o espaço ideal para fixação dos equipamentos. Mais discreto e mais seguro do que imaginava. Usarei quatro aparelhos em cada seção do teto de vidro e no centro do espaço uso as duas pontes existentes, assim tenho quatro aparelhos por espaço, são três espaços de cada lado o que me dá os 24 aparelhos.

Fiquei extremamente feliz com a resolução e ficou claro que não devemos nunca desistir de uma ideia, de um conceito. Se eu não tivesse insistido muito teríamos desistido de cara. No final todos estavam felizes de ter conseguido resolver o que eu precisava, e da maneira que eu precisava. Acho que aí foi uma vitória, de um tipo de desenho que vem sendo traçado há 21 anos. Para os técnicos europeus ficou claro porque afinal eu não poderia aceitar suas ideias iniciais e mostra também que se eles usam sua criatividade e conhecimento é possível reverter situações até então complicadas.

26.04.2014

Fizemos um corredor do espetáculo no Studio onde temos uma estrutura de som, luz e vídeo e preparada para ensaiar. O objetivo principal neste corredor foi poder perceber a peça em sua sequência, ouvir o texto, perceber a trajetória dos

personagens, entender as atmosferas propostas pela música, pelo vídeo, entender o início e fim de cada cena e onde precisamos de cenas de transição. Foi muito importante perceber a luz nas cenas e começar a pensar sobre o primeiro momento da peça, até a cena da delegacia, com um tratamento mais realista e a partir daí como estranhar isto e trazer um ambiente mais fantástico.

Usei como primeiro recurso, uma vez que não tenho os equipamentos que vou usar, os movings, a fumaça e isso nos pareceu interessante. A partir da saída da delegacia tudo passa a ter um fog, e é o momento em que a filha sai pela cidade à procura do pai, e aí vai começar a se perder e acaba se envolvendo com o Agente de Imigração, desistindo da busca do pai e de suas ideais. Claro que tendo os movings posso usar de outros recursos para criar uma atmosfera mais fantástica: projeção de gobos desfocados, distorcidos, em movimento, cor saturada. Uma série de recursos que pode trazer estranhamento a cena.

28.04.2014

Hoje começamos o dia com uma reunião entre criadores e técnica. Novamente veio a tona a dificuldade de entenderem nosso trabalho e suas características, por exemplo, a necessidade dos operadores desaparecerem. Perdemos um tempo explicando o porquê e como poderíamos resolver isso, com ensaios onde todos veem tudo e aos poucos vão se escondendo até sumirem. Aqui isso vai ser muito mais simples. Iremos usar IPads para cada um operar, som, luz e vídeo.

Depois de ficarmos um tempo pra resolver, isso iniciamos discutindo cena por cena e como resolveríamos tecnicamente cada situação. De novo problemas aqui. Não entendiam a necessidade dos equipamentos estarem dispostos o mais discretamente possível e que a técnica deve se submeter ao conceito do uso do espaço, da importância do teatro “desaparecer”. Falo dos equipamentos, da necessidade deles estarem o mais discretos possível, isso implica em ângulos não muito favoráveis. Esta deve ter sido a Terceira vez que tive que falar isso, pois a cada etapa eu me

deparava com estes problemas e perdia um tempo falando e explicando.

Sugeri o uso das colunas que tem na entrada da bolsa. Colunas gigantescas de concreto, e que poderíamos usar a mesma logica que utilizamos nos eventos corporativos nos Brasil, fixamos os equipamentos em colunas usando Cintas de catraca que não danificam a coluna e nos permitem fixar os equipamentos. Outra novela... Eles têm mania aqui de dizer primeiro um “não” para, depois de algumas horas, virem nos dizer que conseguiram. Pra nós que fazemos isso há 21 anos as coisas são muito claras e simples, mas para eles esta sendo um transtorno esta saída do palco convencional. Tudo é uma batalha e temos que lutar pra conseguirmos fazer o que é melhor para a peça. Além disso, nosso director de Palco tem problemas de comunicação com nosso Diretor Técnico, o que complica tudo mais ainda.

Estamos a quatro dias da montagem e sinto que eles estão apavorados. Todo momento surge um problema que não sera possivel resolver. Depois de tudo veio a questão dos cabos, como passar os cabos, por onde, e tudo começou de novo. Mais uma novela. Perdemos um tempão. Por fim achamos uma saída. Tem sido assim: damos a saída e eles reagem contrariamente, temos que convencê-los e depois de um tempo tudo se resolve.

Por fim Thiago, cenógrafo, teve que novamente apresentar seu projeto. Eles não entendem que não existe um projeto absolutamente definido e sim elementos que irão ser colocados no espaço e a partir do olhar da direção e da cenografia, vamos tomando as decisões finais. A parte estrutural e construtiva esta toda definida, não só isso, muita coisa esta fechada e já foi apresentada. Sinto aqui que tem uma desconfiança em nossa maneira de trabalhar. Deixar espaços abertos para experimentar outras possibilidades é algo que não passa pela cabeça deles. São absolutamente competentes e por isso precisam saber de tudo. Temos equipes reduzidas, tempo reduzido. As coisas são bem complicadas.

Vamos lá.

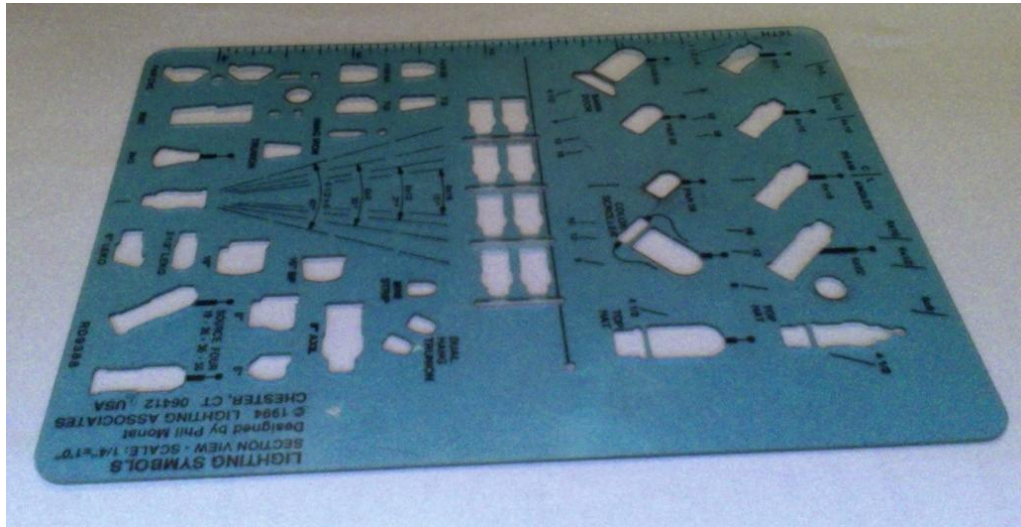
Depois disso, às 14.00 h, iniciamos uma conversa sobre o corrido e pudemos perceber alguns atores um pouco inseguros. Acho que a origem dessa insegurança é a mesma da equipe técnica. Eles pedem definições, apesar de que aqui temos um pouco de uma visão diferente da que Antônio quer ou tem clareza de por onde ira a

peça. Nada demais, com os atores existe confiança e estamos avançando no trabalho, creio que a dificuldade esta com o video, e com parte da equipe técnica. Na luz já nos resolvemos. Temos outro problema que é o uso exagerado do álcool por alguns que estão em posição chave no trabalho. Isto gera certa insegurança em mim.

Vamos entendendo esta realidade e lidando com ela. Estou ansioso pelo inicio da montagem, não tenho certeza de minhas escolhas, aposto todas minhas fichas no uso dos Movings, mas confesso que só quando vê-los acesos e começar a experimentar é que terei certeza e ai espero que tudo de certo.

02.05.2014

Chegou o dia da montagem. Passei os últimos quatro dias revisando a planta discutindo com Jody a melhor forma de pendurar os movings, colocação dos outros equipamentos, canais de dimmer. Me senti voltando no tempo. Fiquei trabalhando no papel com minha antiga regua de desenho, uma volta a 10/12 anos atras quando não existiam, para mim, os softwares computadorizados para desenho de luz. Percebi que o contato com a lapiseira, a regua, o papel nos traz uma relação mais artesanal com o trabalho, a escala do A3 muito maior que a tela, a ausencia da vibração da luz do computador. Jamais pensei que gostaria de voltar no tempo desta forma, sou absolutamente a favor dos diversos avanços tecnológicos, mas aqui concordo com o JC Serroni, também coordenador da SP Escola de Teatro, quando ele diz da importância de não se perder o traço a mão. Concordo totalmente.



Regua para desenho de mapa de iluminação, com o perfil de diversos refletores.

Neste primeiro dia, com o espaço vazio, tratei de documentá-lo, quero ver se consigo fazer um *step by step* deste trabalho. Contudo, é difícil. Perco a concentração nisto e trato de cuidar do todo. Gosto muito deste momento solitário no espaço, vendo os técnicos chegar, a chegada dos equipamentos. Me dá uma espécie de excitação juvenil, acho que é como pro ator que vai entrar em cena, este é o momento mais decisivo para mim, pois é daqui que vai partir toda a luz e se eu errar, posso até corrigir, mas em algumas situações isso se torna bem difícil.

Aqui em Bruxelas a pressão é grande, não sobre o que vou apresentar artisticamente, mas tecnicamente eles são muito bem preparados e muito blocados, então isso exige de nós, um pouco mais intuitivos, um olhar científico, um aprimoramento maior nos planos, nos desenhos e nos pedidos. Não sou muito preocupado em não poder errar, mas temos pouco tempo e aí sim o erro se mostra um problema.

Hoje é sexta, tenho mais o sábado e a segunda. Acreditem, domingo é folga, estejamos onde estivermos acabamos a montagem no horário e folgamos no domingo. As conquistas dos trabalhadores na Europa são sagradas. Temos um início às 09.00 h, parada para o lanche da manhã, parada às 12.30 h e retorno às 14.00 h, nova parada no meio do dia e finalizamos às 22.00 h. Sábado paramos às 19.00 h, idem segunda e aí Antônio já invade. A partir de terça diminuí sensivelmente a equipe e eu só tenho as manhãs para correções. Ou seja, tudo acontece em três dias, com um intervalo no meio. Estou um pouco apreensivo se fiz as escolhas

certas, mas apostando em minha criatividade e na sintonia que tenho com Antônio e com este tipo de trabalho.

O primeiro dia aqui é igual em qualquer lugar do mundo: morosidade. O equipamento chegou, mas não entrou no espaço. Temos uma sequência de degraus para atingir o piso interno da Bolsa e a empresa fornecedora dos equipamentos montou uma estrutura para poder subir a Genie e todos os equipamentos. Quase uma hora do nosso horário e nada realizado.

Paciência, calma e muita reflexão. Aproveitarei para revisar meus planos e pensar em minhas cenas.

Primeira surpresa: as treliças que seriam pretas são cor de alumínio, prateadas. Shit, merde, merda... Aqui já começam os problemas. Mandar voltar o equipamento? Se fossem gringos no Brasil com certeza seria isso que aconteceria, mas aqui... somos brasucas na gringa: vemos, reclamamos e aceitamos.

Por fim acabo entendendo: a estrutura que eles trouxeram é somente para fixar os motores, a que vai ficar aparente ainda nem desceu do caminhão. Ela sim deve ser preta. Ufa...



Figura 11 Equipamento chega para montagem.

As diferenças são muitas por aqui. O motorista é técnico, é ele quem coloca os pontos, junto com outros dois técnicos que também descarregam os equipamentos. O orçamento é sempre uma questão e por isso os custos devem ser

muito reduzidos, equipe reduzida e com multi função. Pelo menos neste nível de trabalho e de orçamento não existe excesso, o chefe deles, que foi quem fez a visita também descarrega e também monta. Não existe hierarquia, não existe aquele que simplesmente olha. Tenho percebido isto em diversos lugares aqui. Nos restaurantes você tem muito poucos funcionários. Às vezes o cara que cobra é o mesmo que te atende, arruma uma mesa e te serve. Mão de obra é cara por aqui, por isso eles têm o mínimo necessário.

03.05.2014

Como todo segundo dia de montagem, hoje está moroso o trabalho. As feições já estão com certo ar de cansaço e o humor diminuiu um pouco. Pra ajudar, esqueceram de negociar a posse da chave que dá acesso a ponte no terceiro piso o que impediu com que as treliças com os Clay Paky subissem. Isto causou um atraso no trabalho do Thiago (Bortolozzo, cenógrafo). Minha estrutura (treliça) está no meio do caminho onde ele precisa fazer o piso. No segundo dia de montagem uma mancada desta e amanhã teremos folga, na segunda Antônio pressionando para entrar e ensaiar. Oh dia, oh noite, 21 anos e as coisas continuam iguais...

Pra ajudar tudo, há um corredor no Studio e eu tenho que sair da montagem e ir operar, um ensaio que não me diz nada, só pra ter atmosfera pro Diretor e pros atores. Ditadura do processo colaborativo.

Tenho três dias pra deixar tudo pronto e devo sair da montagem, pois foi agendado um corredor que me tira do que é mais importante pra mim, mas não tem o mesmo peso pra direção.

Como resolver este tipo de conflito ?

Decidi ir e conversei com Antônio levantando a questão e deixando claro que numa próxima vez isto não pode acontecer, pois ele entra na terça exigindo coisas prontas e planejamos desde sempre três dias inteiros de montagem. Argumentei que ele não daria um minuto de seu ensaio pra ir a outro lugar e que a montagem exige minha presença, como o ensaio exige a dele.

Difícil pra um diretor entender essas questões.

As treliças que eram prateadas foram encapadas com pano preto antifumegante. Tudo aqui tem tratamento anti-chama, é o panico do incendio, o extremo cuidado com a segurança. Mas flagrei um tecnico cortando metal sem mascara de proteção e sem luvas. Contradições do velho continente.



Figura 12 Moving Lights já instalados na treliça.

Estou com aquela angustia de ver o avanço diminuir e o tempo de gravação ser cada vez menor. Mesmo assim estamos andando com os equipamentos convencionais. Estou tendo que fazer diversas concessões, utilizando equipamentos mais aparentes do que o normal. Nos festivais isto acontece e estou “lendo” esta concessão como algo que se insere na dificuldade de ter soluções mais criativas por conta da equação tempo *versus* instalação para um curto periodo. Nos nossos trabalhos demoro muito mais para me decidir por qual equipamento usar, pesquiso possibilidades, crio luminárias, etc. Aqui não tenho este tempo e não tenho pessoal pra isso. Neste sentido meus estagiários fazem muita falta, eles me dão condições de experimentar e criar e, claro, o tempo estendido nos ajuda muito.

A equipe de luz já entendeu a questão do acabamento mas pra audio e video é sempre mais difícl. Mathieu, tecnico de video, já percebeu a importancia de

desaparecer com os cabos, mas Cedrick do audio tem mais dificuldade.

Percebo que alguns técnicos fazem piadas quando peço uma limpeza e dão de ombros, acabam entrando em uma atitude de me desafiar. Credito isso à questão cultural que nos separa, a lingua cria uma defesa e os protege. Falo mal o idioma, mas entendo perfeitamente, então sei quando eles estão desdenhando do que digo e alguns fazem questão de não se relacionar, ignoram o que falo.

Aí faço o mesmo.

Minha equipe tem trabalhado muito bem, apesar de acha-los um pouco lentos. Greg e Jody são muito atenciosos sempre e agora temos também um espanhol, Jack, muito bacana.

Hoje foram fixar os equipamentos na coluna do lado de fora. Quando subiram perceberam que o anel de metal que confeccionaram para fixar os equipamentos estava maior. Provavelmente a coluna começa maior embaixo e diminui um pouco no alto. Devem ter medido embaixo. Se você olhar bem pra ela você irá perceber que existe, visualmente, uma sutil diferença, mas tudo bem atacamos isso na segunda.

Saio daqui meia hora para o Studio.

Amanhã vou aproveitar pra tentar ver Corinthians e Chapecoense, já comprei minha pipoca e minha Leffe Blonde...

No Day Off (domingo), saí pra caminhar. Depois cozinhei e fiquei em casa o dia todo. À noite consegui ver o Corinthians.

05.05.2014

O dia seguiu moroso. Consegui avançar e fazer os Clay Paky funcionarem, mas não subiram para suas posições. Temos um problema sério de falta de comando na montage. Nosso regisser generale Pierre, saiu. Não aguentou a pressão, o trabalho é muito grande e têm muitas exigencias, a estrutura do Teatro Nacional não dimensionou as equipes e o tempo, trataram este trabalho como outro que costumam fazer em suas salas e ai a coisa esquentou pro lado do Pierre. Ao chegar no espaço o Diretor Tecnico do Teatro Nacional Yvan Harcq estava de

muito mau humor e depois de um tempo me informou, fazendo uma piada que eu seria o Diretor Técnico da montagem, sorri e desconversei.

Didier, o técnico - pois temos um dos atores com o mesmo nome - terminou o sistema de Wifi na Bolsa. Temos uma rede que atende ao vídeo, ao áudio e a luz, e ainda Internet. Esta tecnologia é muito interessante, a Bolsa já possuía uma estrutura para se criar uma rede, mas Didier passou dois dias distribuindo modems pelo espaço e criando seu sistema. A Light Pallet da Strand tem um software que permite operar à distância. Hoje testamos um pouco seu funcionamento. Temos duas mesas, uma delas é a que comanda, a outra é escrava desta.

Conseguimos finalizar os refletores convencionais (PCs, Elipsoidais, Set Lights), fizemos os Clay Paky funcionarem, todos os Leds estão ligados, mas faltam todas as luminárias, as fluorescentes, os refletores do Hall externo, ou seja, muita coisa.

Fiz dois testes com os automatics (moving lights). O primeiro foi uma sequência pré programada - chase. Ele acende em foco (uma bola) sobre uma mesa, em seguida vai recortando cada um dos quatro lados da mesa, mas ainda um recorte grande, para por fim todos os lados fecharem em cima do tampo. De fato este aparelho, Clay Paky Alpha Profile 1500, é muito bom. Há 20 metros de altura tem uma luz muito intensa, brilhante e muita definição. Os Alpha Wash 1200 também são muito bons. Mas como em qualquer lugar tenho diferença de lampada, isto vai ser uma novela pra trocar. Pude perceber que os ângulos que escolhi irão funcionar e também a limpeza da montagem está bem boa. Meu próximo passo é finalizar totalmente meu trabalho e em paralelo a isso ir gravando, pois no sábado já tenho um corredor.

Faltam três semanas para a estreia.

Meu check list:

- Posicionar e ligar fumaça.
- Instalar luminárias:
 - Sindicalista
 - Médico
 - Comissário de Polícia.
- Instalar refletores nas colunas do Hall externo.

- Definir COR e gelatinar.
- Instalar fluorescentes:
- Aeroporto.
- Médico.
- Comissário de policia.
- Mapear e anotar comandos:
 - Luminárias do Atrium (04).
 - Luminárias com dimmer nas colunas.
 - Luminárias com lâmpadas de descarga no BAR.
 - Luminárias da Porta giratória.
 - Luminárias da passagem entre porta giratória e interior da bolsa.
 - Luminárias dentro do chez scroc (o próprio Nicolas manipula).
- Subir estruturas dos Clay Paky.
- Posicionar Leds na embaixada.
- Luz de serviço para o caminho dos atores.
- Afinar tudo.
- Gravar.

Parece pouco, mas o dia a dia vai me apresentar mais questões, começamos a explorar o espaço hoje e muitas ideias podem surgir. As cenas principais estão todas mapeadas e não mudaram, mas agora vamos criar as cenas de cidade, com o coro, e o fato de utilizar Moving Lights vai facilitar pois onde Antônio marcar eu posso gravar uma luz com eles. Outra situação que surgiu no último corredor é o fato do personagem da Filha, ao sair do Comissariado de Policia e começar a vagar pela cidade, precisa de luz, eu penso em fazer com que ela tenha sempre uma luz seguindo-a e Tó quer que ela vá se descompondo, ficando suja, com a luz posso pensar em iniciar com o branco e aos poucos ir entrando com uma cor, contribuindo assim com esta sujeira. Ela deve ter sempre uma luz sobre ela e pode observar todas as cenas do alto ou distante da cena.

06.05.2014

Hoje a pressão aumenta um pouco, já é dia de ensaio, a partir das 14.00 h.

Posso continuar trabalhando, mas minha equipe diminuiu sensivelmente, estou com Jody e a *petite sacarabe*, apelido de Jody para Ondine. Eles de fato não fazem concessão em seu orçamento, o que é estranho pra mim é que isso independe se vamos estar prontos ou não, o que vale é não estourar um centavo. Chegou Jack, o espanhol, um bom técnico e muito disposto.

Tenho que ficar esperto e começar a gravar um estrutura de roteiro hoje. Antônio já prometeu um primeiro corredor no sábado e preciso começar a deixar a luz desenhada, pra ir corrigindo este roteiro a partir daí.

As treliças com os movings começaram a subir. Já temos duas no alto e de fato elas estão muito discretas. Vou marcar com Jody uma entrevista para poder entender tecnicamente a montagem, como eles se estruturaram e o porquê de cada elemento. Esta tecnologia, em teatro, esta distante do Brasil ainda.



Figura 13 Treliças posicionadas na altura correta.

Posso observar que temos tecnicos muito bons, dispostos a reverter situações que nos parecem improváveis, mas pretendo levar Jody pra trabalhar no Brasil em julho do ano que vem e ai ver como ele se coloca por lá (escrevendo de Bruxelas). Esta mistura de culturas e de saberes me parece que pode ser boa.

Tecnicamente eles me parecem, alguns, muito bem preparados, mas falta a disposição para mudanças, para vencer desafios. Então estou apostando nesta mistura.

Ontem, Didier, o técnico, fez toda uma instalação de sistema WIFI. Esta estrutura é muito interessante e isso não temos no Brasil, pelo menos não nas produções do Vertigem. Todos irão operar com IPAD, eliminando o sistema de câmeras e colocando o operador no meio do público, podendo enxergar e ouvir perfeitamente a cena.

Hoje iremos trabalhar do início da peça e preciso ficar atento pra ver se Antônio ira mudar alguma coisa. Ainda luto pra fazer com que subam a ultima estrutura com os movings. É estranho, pois não sou eu quem determina o andamento da montagem, fico de lado observando e tentando interferir quando vejo que a coisa não anda.

07.05.2014

Os problemas com a montagem do cenário continuam. Equipe fraca e pouca gente. Diretor Técnico estressado, tendo que cuidar de todo o Teatro Nacional e não podendo pois teve que assumir aqui. Algo aconteceu que o andamento do trabalho do Thiago (Bortolozzo o cenógrafo) não está caminhando tranquilo. A equipe e o DT não entendem seu processo. Ele vem das Artes Visuais e isso gera uma diferença, o seu planejamento vai só até um determinado ponto, a partir dai as coisas se dão diretamente no espaço. Tem uma questão com os materiais, uma certa precariedade que é difícil de ser entendida. A segurança na Belgica é prioritária, ouvimos isso diversas vezes.

Não gostamos de trabalhar com risco além do aceitavel, mas isso faz parte do trabalho e aqui é difícil romper. Temos alguns planos elevados onde os atores sobem em que foram colocados guarda corpo, transformando o lugar em uma jaulinha para os atores. Fico pensando nas companhias de teatro de rua francesas, espanholas, penso no Fura del Baus, Generik Vapeur, Royal de Luxe, como fazem para lidar com esta questão. Deve ter um lugar para o risco, deve ter um lugar para a construção em processo.

Comecei a gravar, Antônio segue seu processo de colocar o espetáculo no espaço e eu aproveito pra ir gravando. Como faço nas óperas e nos musicais. Foi um dia intenso, gravação das 14.00 h às 22.00 h. Minha cabeça no final do dia esta muito cansada, percebo o mesmo em Jody. Antônio marca e trabalha por um tempo uma determinada cena, retorna várias vezes nela e eu aproveito para ir acertando. Não estou preocupado com o resultado desta gravação mas sim em ter um roteiro. Jody manda super bem na mesa, em alguns efeitos ele se estressa - com ele mesmo, por não conseguir gravar com a velocidade que gostaria - mas estamos nos entendendo bem e as coisas estão andando. Minha opção pelos movings se mostrou correta. A cada cena eu tenho que ter luz em lugares diferentes, Antônio coloca atores em posições que não tínhamos pensado e eu consigo “atendê-lo” em todas as suas necessidades.

08.05.2014

Sigo gravando, mas hoje Jody teve que sair, fiquei com Ondine, estagiária que se mostrou muito nervosa, nunca gravou e viu ontem nosso ritmo. Fomos ajudados pelo fato de eu já ter a luz das cenas que Antônio esta trabalhando nesta primeira parte do ensaio, mas conseguimos fazer algumas coisas que não estavam prontas. Com certa dificuldade Ondine esta se virando.

09.05.2014

Sigo gravando e correndo atrás de Antônio. Hoje minha descoberta foi que meu grande vilão não é a diferença cultural, não é a língua, não são os tecnicos que não nos entendem, não é o fato de nunca terem feito este tipo de trabalho.

O grande vilão pra mim tem sido a luz natural.

Estava achando tudo muito sem atmosfera, tem dois tetos de vidro imensos que estão fechados com plastic preto por dentro e branco por fora e uma cupula com um grande buraco no centro, além de janelas laterais imensas com cinco vidros de uns dois por sete metros de altura. Pois bem, o teto de vidro tem aberturas

imensas no plástico, um pouco por conta da instalação dos movings, que fez com tivéssemos que abrir espaço para as correntes de sustentação da estrutura. Além disso, as janelas têm frestas de uns 20 cm de cima até embaixo. Esta luz que entra revela todo o espaço e cria uma luz que não me permite focar a cena. Tudo fica um pouco igual e a luz não acontece. Minha descoberta se deu quando no Segundo período do dia, depois das 19.00 h e perto das 22.00 h, eu comecei a perceber que a luz acontecia melhor.

Acho que estou ficando lento. Demorei quase dois dias para parar de sofrer e achar que todo o problema era meu. Parte dele ainda é meu, mas uma grande parte se deve a poderosa luz natural e seus 6000 K.

Hoje falei com o novo Diretor Técnico que preciso resolver isso e que não estou falando nada, pois sei que temos coisas mais importantes para finalizar, mas em duas semanas vou trabalhar isso.

11.05.2014

Reunião com Direção (Antônio, Lili, Antônio Duran e Maria Clara) sobre o corrido de ontem.

O primeiro problema que enfrentamos é o início do espetáculo. Não temos um *Black Out*, ou seja, não temos concentração suficiente para iniciarmos o espetáculo. Pensamos em estabelecer uma convenção de início. Deixo a luz acesa, tem várias luminárias de vapor. No momento de começar, o portão é fechado, apago a luz e iniciam-se vozes em off, para daí entrar o texto em OFF da primeira cena "*C'était une longue nuit de discussions...*" e vamos para a cena do Agente com o público.

Aqui a luz me parece que vai funcionar, mesmo com toda a luz natural ela acaba dando um calor no ator e o destaca da arquitetura. Vou investir em filtros CTB (frio) no aeroporto e filtro CTO (quente) para reforçar a cor no Agente e sua Mulher.

Após esta cena temos outro problema que é o suicídio dele. Temos uma porta giratória em que o Agente ao entrar por esta porta se joga girando, como se

tivesse tentando se matar e temos um barulho de carro se chocando. Tenho que pensar o que posso fazer pra ajudar, mas também temos quase certeza de que vamos privilegiar muito pouca gente. Em todo caso devo pensar o que posso fazer. Esta cena praticamente caiu.

Antônio me pergunta o que posso fazer em relação à fachada da Bolsa, neste hall de entrada. Usar os vapores? Creio que sim. Vamos pensar em banners entre colunas, isto já era um pedido do Teatro Nacional e conversando aqui pensamos em aproveitar isso para diminuir a luz natural. Na passagem do segundo hall esta definido que só teremos a imagem do Agente no lado direito de quem entra.

Na cena do sindicalista, estamos em duvida sobre o espaço da cena. Trata-se de realismo, mas de um realismo estranhado.

Seguem minhas observações sobre o corrido de sábado dia 10.05. Para mim foi uma vitória pois tínhamos um esboço de tudo e eu consegui chegar com luz para todas as cenas. Em cinco dias, independente do que alcançamos foi uma vitória.

Conceitual e estético.

Preciso trabalhar o contraste. Tudo esta um pouco duro demais. Pensar em outros ângulos para as cenas, ver se é possível.

1- Trajetória da filha. Cor muda. Começa com uma cor e vai mudando?

2- Trajetória e lugar das aparições do agente.

3- Luminárias para ajudar a quebrar esta luz dura, dar mais volume e criar mais ambiencias.

4- Relacionar mais o lugar da cena com a arquitetura. Em alguns momentos o espaço esta muito recortado.

5- Cor. Acabei usando as cores sem pensar, fui nas mais obvias, é preciso agora pensar com calma nisso.

6- Os tempos das cues estão um pouco duros demais. Atenção para os tempos dos fade in e dos fade out acho tudo ainda muito duro. Talvez criar um tempo para a saída (out) diferente do tempo de entrada (in), tempos diferentes para cada luz.

Quando o ator se movimenta e a luz o acompanha, temos que tentar ser mais orgânicos, esta muito perceptível o movimento da luz. Pra isso precisamos trabalhar junto com os atores.

Neste mesmo tema, a luz entra toda junta, pensar em tempos diferentes para a entrada da frente, do contra, da luminária.

Necessidades gerais

- Black out (luz natural) no espaço.
- Tecnicos caminhando pelo espaço durante o espetáculo.

2.05.2014

Hoje ficou a sensação de estagnação. Avancei muito pouco. Estranho o processo, me deixo levar sempre, não critico, nem reajo. Ontem tive vontade de não fazer nada, de nem ir a Bolsa. Às vezes me afasto do que tenho que fazer, um pouco pra respirar, um pouco por preguiça, um pouco pra ganhar folego e voltar resolvendo os problemas. Aqui não posso me dar a este luxo, não tenho este tempo. Mas na verdade fizemos coisas. Patch na entrada e gelatinas em tudo. Tive uma conversa cena a cena com Jody e fomos corrigindo algumas cues. Tentamos um efeito de fogo numa das cenas. Não rolou. Tentamos um efeito de TV em outra. Não rolou. Mas conseguimos começar o trabalho de relacionar a cena com a arquitetura do espaço. Começaram a gelatinar as luminárias do atrium, acho que vai ficar bom. O filtro Sódium nas PAR 64 ficou realmente bom. Ao final do ensaio reunião com o Fred do video até a 01.00 h. Hoje de manhã Jody disse que não precisaria ir. Benção.

Domingo, día de folga tivemos uma reunião, com Direção pra discutir o corrido. Durou sete hs... que folga...

12.05.2014

Aeroporto

Descobrir onde e como ligam as luminárias da Bolsa no primeiro Hall.(
aeroporto)

Patch dos refletores do Hall da porta giratória.

Focus dos refletores do hall da porta giratória.

Fluorescentes do Pai (Didier) e Filha (Claire)

Gelatinas nos refletores.

CENAS

1- Agente e sua esposa.

Não usar gelatina.

Na descida de Nicola Horziode.

2- Aeroporto.

Luz para a fachada. (usar os vapores da Bolsa com gelatina CTO ?)

Acertar roteiro.

Temos que ter todo o jogo com os agentes.

Os monólogos, a luz interna para filha e pai (fluorescentes).

Gelatina nos refletores.

3- Sindicalista.

Por enquanto nada.

Utilizar uma luminária para ajudar a tirar a sensação de luz chapada.

Alguma mudança quando a filha fica sozinha.

Gelatinas na Par 64.

4- Médico

Gelatinas nos PCs.

5- Sociedade de economia

Melhorar a afinação para a filha (Claire) ter luz incidindo nela.

Subir um dos PCs que estão no chão.

Ainda não estou contente com a luz.

Gelatinar PCs.

6- Agente com muçulmano.

Gelatinar Par 64.

7- Desaparecimento do pai

Alguma mudança na luz.

8- Coro língua (Filha saindo pela cidade)

O tempo das mudanças esta muito duro ainda.

Mudança da cor.

Movimento mais orgânico com a caminhada da filha (Claire)

9-Comissariado de policia.

Gelatinar as Par 64.

10- Coro dos SDF com cobertores

A cor não me convence. Pensar num desenho melhor, muito chapado. Talvez vindo dos Profile 7 e 8, não usar wash.

11- Karaoke

Luz para filha observando a cena. Qual é esta luz?

12- Pére e Gamine

Muito dura a entrada do corredor do pai. Falar com Didier e acertar seu percurso.

Luz da filha observando a cena. Qual é esta luz?

13- Encontro do agente com a filha

Gelatinar as Par 64.

14- Morte do Mendigo

Gelatinar Par 64.

Mudar a cor dos Leds tudo deve ser azul, clima noturno.

15- Antigo apartamento

Cor do contra, tenho duvidas.

Cor da luz frontal.

Luz um pouco chapada, mas ao mesmo tempo preciso de potencia para dar visibilidade.

16- Scroc

Abrir as duas portas.

Cor da luz frontal.

Algum detalhe da arquitetura.

17- Retorno do Pastor.

Iluminar a cúpula neste momento, para dar a ambienciade igreja.

18- Bar

Rever as Par 64

Dar um pouco de movimento a luz

19-Economista lavando o rosto.

Esperando definição do espaço da cena, acho que vou precisar de uma fluorescênte.

20-Comissariado II

A fila de espera vai cair.

Gelatinar as Par 64.

Profundidade de campo, perspectiva. Acho que Ivan quer dizer que preciso acertar as intensidades.

21-Instalação dos SDF

A definir lugar.

21- Sociedade de economia

Ainda não estou satisfeito com as cores.

Num momento da cena a filha fala de seus sonhos, aí o espaço deve ser transformado e depois volta ao normal.

22- coro de manifestantes

Acertar um pouco mais o tempo dos wash.

23- Embaixada

Ok por enquanto.

24- Casal no jogging

Tirar alguns wash para parecer mais com luz de poste, acertar a cor como se fosse sódio.

25- Encontro da filha e do agente

Acertar a cor do wash.

26-Guia Turística

acertar o tempo da saída da luz da Guia, esperar ela sair da coluna.

27 Conferência

Colocar os dois micro elipsoidais.

13.05.2014

Não autorizaram o uso de mais banners na fachada. Assim talvez tenhamos que abandonar o uso do insuflado espelhado, pois o sol, na hora da cena, está direto sobre a porta de vidro, não tenho como ter mais luz.

Continuamos o trabalho de áudio, hoje é o segundo dia. Nunca fizemos isso na vida, em 21 anos de trabalho, tirar do Antônio o dia de ensaio para fazer técnico. Kako, nosso engenheiro de áudio no Brasil nunca teve este tempo, sempre trabalhamos no sentido de priorizar os ensaios com atores. Vamos aos poucos, enquanto Antônio ensaia trabalhando conjuntamente, aqui com tão pouco tempo me soa como exagerado o áudio tomar quase dois dias para acertar seu trabalho.

Aproveitei e com Jody fui revisando algumas cues e trabalhamos no efeito do sonho da filha, da cidade em chamas. No final fizemos um corredinho da parte trabalhada e tivemos vários problemas de áudio de novo, mas valeu para podermos fazer um roteiro e perceber que a luz natural vai de fato nos incomodar muito. Sugeri usarmos o recurso dos banners de divulgação que ficariam entre colunas e aí “segurariam” o sol.

14.05.2014

Sem novidades. Continuo gravando e tentando dar corpo à luz, mudei muitas coisas. Antônio fez algumas observações que me fizeram mudar ainda mais. Novas cenas surgiram que me fizeram ter novas cues para gravar. Percebo cada vez mais que minha opção pelo uso dos movings foi correta, com tanta cena nova, lugares novos, eu jamais teria tido condições de andar tão rápido com a luz. O Black Out do espaço está cada vez melhor mas ainda não é perfeito. Ficam frestas que matam a luz e seu recorte no espaço. Meu grande nó é a casa do sindicalista, ainda não achei a luz. Estou cada vez mais relacionando a luz com o espaço, assim deixo de estar iluminando onde está a cena, mas criando espaços e dando perspectivas novas de olhar pra arquitetura em relação com a cena.

Estou andando.

15.05.2014

Fiquei pensando em meu trabalho e o que estou fazendo com esta luz. Fiz escolhas previas de equipamento, não tinha nem texto neste momento, fizemos escolhas espaciais, não tínhamos encenação ainda e ai viemos para o trabalho, quase 08 meses depois. Fico olhando e pensando no que esta acontecendo. Cade meu conceito, cade minha pesquisa com materiais, cade meu processo de construção artesanal, cade tudo isso? Não veio, ficou no Brasil a espera de um novo projeto com tempo e equipe com sensibilidade e disposição pra isso. Os equipamentos não tem nada a ver com o lugar, o uso que faço da luz local existe, mas não na dimensão que gostaria. Parte do meu equipamento esta visível, Antônio marca as cenas, muda as cenas e eu ponho luz. Sou um colocador de luz nas cenas. Sirvo o tempo todo ao espetáculo. Mas e daí? Cade minha autonomia, meu trabalho autoral? Crise de identidade, crise de personalidade, crise, crise, crise. Ok, vou lidando com isso, tenho um roteiro em sua terceira ou quarta versão, a cada momento mudo algumas coisas na tentativa de ajudar mais um pouco, mas é muito pouco pra mim, pra estes anos todos de trabalho, pro meu primeiro trabalho aqui. O que estou trabalhando é a tentativa de relacionar o teatro com a arquitetura dentro deste espaço, criar espaços usando a arquitetura, uma coluna, um detalhe do teto, um recorte no olhar, o espaço todo em evidencia...

Segui gravando, o Black Out esta melhorando. A luz começa a interferir mais na cena, mas estou com uma certa insatisfação que não sei muito bem de onde vem. Antônio demora pra olhar a luz e quando vem falar é sobre algo que não gosta, não tenho tempo e nem equipamentos pra grandes viradas, o que me preocupa é ele querer algo que não posso fazer.

16.05.2014 a 19.05.2014

Continuei gravando e tentando dar mais corpo a luz. Entre estes dois dias fizemos um novo corrido, abaixo seguem minhas considerações.

Filage de 18.05.2014

Belgica, Bolsa de Valores

Dire ce q'uo n ne pense pas dans des langues qu'on ne parle pas

QUESTÕES GERAIS:

Continuo precisando do black out, para a luz natural. Melhorou muito mas ainda tenho vazamento de luz natural, o que me cria muita claridade e faz perder o foco. Revelo o espaço onde não quero e quando quero não parece intenção.

O roteiro do primeiro Bloco ainda não consegui ver pois ontem a luz natural, o sol, estava muito intenso. Temos que pensar de fato em um fechamento entre colunas para conter a luz solar. Temos cenas atrás de vidros e o sol cria um reflexo incontrolável. Posso pedir uma película antirreflexo, mas creio que isso vai ser um custo elevado e vou perder luz internamente.

O uso do Fog não teve efeito, ao contrário criou transtornos para o vídeo e para a cena. Não sei se insisto um pouco mais, mas infelizmente o vídeo não rola. Acho que desisto, já parece uma luz qualquer, com fumaça então...

Sai do ensaio muito triste em ver meu trabalho aqui. O que estou fazendo nada difere do que faço em Óperas, em trabalhos com outros diretores fora do Vertigem. Estou usando gobos de foliagem, movimento nos movings, cores saturadas. Acho que minha pesquisa com os multi parametros segue, mas não consegui criar uma única peça para colocar na cena. Minha construção artesanal não existe. Acho minha luz ainda muito funcional. Não sei se conseguirei sair deste lugar. Quando começamos a trabalhar no projeto eu intuía que isto iria acontecer, pois o tempo é muito curto e não há espaços para experimentação. Tenho trabalhado constantemente nas cues com Jody, não tenho preguiça, mas não estou feliz e acho que não vou ficar.

Acho um projeto comum.

Luz mais bem colocada, continuo com problema na cena do Sindicalista, mas acho que avancei. Tenho mais atmosferas, mas os tempos ainda estão duros. O trabalho todo é feito em GO, com tempo gravado. Preciso estudar mais o que fica,

quanto tempo espera, o que entra e em que tempo entra. As fusões continuam diretas, sem poesia. A luz tem entrado em bloco, algumas cenas são curtas e dentro delas não cabe movimento. São fotogramas, talvez eu ache aí minha saída.

PROLOGUE – AUTOUR DE LA BOURSE / IMAGES URBAINES.

Invasion SDF

As cenas são na escadaria da Bolsa, não tenho o que fazer.

Entre du public dans le hall de bourse:

BIOC I – HALL D’ENTRÉ / EXTÉRIEUR / EN DEHORS DE LA VILLE

Aqui a luz não apareceu. Fiz uma opção pelos filtros CTB e ele fez com que a luz desaparecesse. Optei errado. Não estudei o suficiente a luz do dia. Vi um ensaio sem filtro e a luz estava imprimindo, apesar da luz natural, ainda assim optei pela mudança. Acreditava que a melhor opção era uma luz fria, mas errei e agora retomo a luz quente. Contradição necessária para poder ter luz e conseguir chamar a atenção do público para onde esta a cena.

Fluorescentes estavam ligadas?

Passagem pelo Hall 2 PC's desligados.

Preciso de película difusora no vidro da esquerda.

Deplacément du public 1

BLOCK II – PRÉMIERE PARTIE DE LA NEF / AVANT LA DISPARITION DU PERE

Chez le syndicaliste

Nicola observa do alto. Criar cues para ele e para sair a luz dele. Profile da coluna da direita com problemas.

Acertar o nível de luz, Vicent continua com mais luz.

Quando JP sai da coluna, depois que Vincent sai sair coluna da direita.

Saída de JP mais lenta, esperar um pouco ele começar a descer a escada ou fazer a saída em 10 segundos e usar o mesmo Le top para o GO.

L’agent aux toilettes

Tudo certo para entrada e saída desta luz. Mudar o Profile quer ilumina a figura abaixo dele pois a caixa de som esta na frente.

Chez le Médecin

Às vezes me incomoda o fato de Vincent ficar sem luz no rosto ao se aproximar da janela, mas não tenho o que fazer.

Fluos estão colocadas na posição definitiva?

Profile 5 e 6 cortar um pouco mais, aparecendo o recorte nos dois lados do alto da janela

Société d'Economie I

Tenho duvidas do azul na janela e talvez experimente em menor intensidade.

Acho que ainda não é hora de abrir tanto o espaço.

Os washs devem ocupar todo o espaço para não dar condições ao publico de sair da lu. A ideia aqui é que todos fiquem iluminados, atores e publico.

Um wash não acendeu.

Na primeira cue devem estar também os dois espaços laterais.

Rencontre Agent et Musulman

Orientar Beto da melhor posição na cena.

Disparition du Père

Efeito da TV não funcionou. Pensar em mudar a cor, CYAN e aumentar a intensidade. Testar isso com Antônio.

Deplacement du public 2

Choeur des langues

Aqui temos problema ainda com o tempo do deslocamento dos profile. No atrium os movimentos estão confusos, acho que os profiles devem ocupar todo o espaço e não sair nenhum dels, somente os primeiros. Ai quando Claire senta no Commissariat troca tudo.

BLOC III – PARTIE CENTRALE DE LA NEF / A LA RECHERCHE DU PÈRE

Commissariat I

Tudo ok aqui.

Choeur d'hommes-couvertures

Tudo ok aqui.

Karaoké / Père - Gamine

Tudo ok aqui. Pedir ao Tó que mude a posição de Vanja, não consigo vê-la de onde estava sentado, creio que isso será um problema para parte da plateia.

Baixar a luz uns 20%.

Claire observando 10% a menos e demorou pra entrar.

Meurtre du SDF

Temos que definir com Nicolas se a luz da moto irá ou não funcionar. Pensar se não tenho que criar um luz muito baixa para saída dele e aumentar a luz no SDF para fixar a imagem no final.

Claire esta no balcão observando a cena.

Ancien Appartement

Tudo ok aqui, talvez abaixar um pouco a intensidade dos Wash no teto.

Erro na cue da chegada de Nicola. Colocar mais tempo na saída desta cue

Escroc

Erro na entrada da cue para chegada de Claire, esperar ela surgir para ai acender, talvez dar um tempo maior pro apartamento ficar aceso sem nenhuma luz.

Abrir a porta da esquerda e colocar difusor na parte de cima, no vidro.

Le retour du pasteur

Baixar um pouco mais a intensidade para aparecer mais o vídeo.

Claire observa o Pasteur por uns 3”.

Bar

Reposicionar decoupè para Vincent ganhar mais luz no balcão.

Ainda sinto uma indefinição da luz na saída de Claire do Bar e na sequencia desta cena.

Moment de solitude de la fille

Sinto a indefinição apontada acima

Commissariat II

O final da cena ainda esta estranho. Claire olha Nicola e se vira, creio que não há tempo para acender e apagar a luz. Podemos ir direto da cena para instalação

Deplacement du public 3

Choeur des SDF

Installation des SDF

Achei bom o jogo de levar a cena para o fundo do bar e depois voltar para o espaço, gostei da atmosfera, não vejo mudanças por enquanto.

BLOC IV – PARTIE DU FOND DE LA BOURSE / LE RAVAGE

Société d'économie II

Por enquanto nada a acrescentar.

Manifestation a l'ambassade

Tivemos problemas na ultima etapa, quando eles chegam na embaixada. Mas gosto da atmosfera.

Couple de joueurs

Ainda não encontrei ainda a melhor atmosfera. As pessoas que correm no balcão do atrium, no balcão da sociedade de economia, na passarela devem ter cues para sair pois uma vez que passam por estes lugares não voltam mais.

Rencontre agente-fille

Não vejo nada a mudar por enquanto.

La guide touristique

Não acho a melhor luz para a bolsa, ainda pretendo tabalhar nesta luz.

BLOC III –Arriere-fond de la bourse / silence.

La conférence

Aqui vou testar a luz esta semana, acho que vai ser difícil.

20.05.2014

O trabalho de limpeza e correção continua. Enquanto Antônio corrige atores, corrijo luz, isto não para. A partir de agora corremos todos os dias. Das 09.00 h às 13.00 h finalização de montagem, das 14.00 h às 18.00 h, correções de cena e por fim corrido as 20.00 h.

Filage de 20.05.2014

Belgica, Bolsa de Valores

Dire ce q'uo n ne pense pas dans des langues qu'on ne parle pas

QUESTÕES GERAIS:

Finalmente tivemos um avanço. Trabalhamos durante dois dias nas transições e nas cenas. Fui acertando mais os climas, melhorando os tempos, Antônio fez várias sugestões. Dividimos mais as atmosferas internas das cenas. A luz não esta mais parada durante a cena, tem sempre um movimento que esta ligado ao desenvolvimento dela. O sindicalista, que estava muito duro, muito chapado e sem movimento ontem foi muito bem. Mas ainda tenho coisas pra resolver aqui, tenho diversas fontes de luz para poder dar volume e profundidade à cena e isto precisa ser equalizado. A entrada no espaço ganhou uma atmosfera muito misteriosa, climática. O espaço se mostrou aos poucos, ai vem a figura do pai, depois o agente num segundo plano para dai entrar a filha e ficamos com os três personagens, um em cada plano, números de bolsa na coluna. Forte e impactante. Vislumbrei Vertigem neste momento e me deu um certo calor no coração. Passei um dia absolutamente irritadiço, questionando o que estava fazendo aqui e sofrendo com meu desenho. Credito este salto de qualidade na luz à inteligência do Tó em seguir trabalhando e passando, repassando, trabalhando, retrabalhando as cenas e sempre em sequencia, isto vai nos dando um domínio e uma clareza muito grande do que estamos fazendo, claro que junto com ele estou ali, sentado na mesa com Jody, corrigindo, refazendo o tempo todo as cues.

Os tempos entre cues esta muito melhor, mas ainda temos ajustes. As atmosferas internas estão mais interessantes mas ainda tenho ajustes. Alguns problemas de movings dando pane, alguns acabamentos pra resolver.

Agora vamos correr todo dia até terça dia 27.05. Que venham os belgas, franceses, alemães, holandeses, italianos, arabes, albaneses...

Mas no todo o ensaio de ontem foi um avanço geral, encenação e luz caminharam muito. Acho que a luz começou a fazer sentido pra mim. Sai feliz, finalmente, acho que vou me salvar...

Detalhe: começamos próximo do horário que iremos apresentar e entrando estava praticamente noite, mas ontem o dia estava nublado e isso me ajudou muito.

Significa que o black out é fundamental.

QUANDO IRÃO FAZER O BLACK OUT ??

QUANDO VÃO ABRIR A PORTA DO APTO DO ESCROC ??

PROLOGUE – AUTOUR DE LA BOURSE / IMAGES URBAINES.

Invasion SDF

As cenas são na escadaria da Bolsa, não tenho o que fazer.

Entre du public dans le hall de bourse:

BIOC I – HALL D’ENTRÉ / EXTÉRIEUR / EN DEHORS DE LA VILLE

Afinar a PAR 64 da cena Vania e Nicola.

Nicola entrou na porta giratória corta a luz , entram PCs para focarmos em Nicola e depois vai para Didier e Claire no alto.

Mudar o time da subida as colunas para 8”. Nesta cena tem Claire e Didier também.

Terminou o texto do Vincent entram as fluors de cima.

No final da cena, Claire fica parada e publico entra. Deixar somente a Claire na luz vertical

Deplacément du public 1

BLOCK II – PRÉMIERE PARTIE DE LA NEF / AVANT LA DISPARITION DU PERE

Chez le syndicaliste

Melhorou muito. Ainda falta acertar as intensidades e afinar melhor o **horiziode** (?) da esquerda.

Foco da Claire não esta bom, melhorar.

Saida da coluna de JP muito rápida, idem a de Vincent.

Profile da coluna de JP tremendo, com problemas.

Quando JP sai, luz deve demorar um pouco mais.

L'agent aux toilettes

Tudo certo.

Chez le Médecin

Os profiles recortados nas janelas estão vazando um pouco nos cantos do recorte.

Mudar o lugar da flúor da esquerda. Colocar na janela em que Vincent esta.

Société d'Economie I

Tirar os washs da cena.

Tem que ter Pcs no lado da Cania pois temos atores, pode ser numa segunda cue.

Rencontre Agent et Musulman

Tudo certo.

Disparition du Père

Tudo certo.

Deplacement du public 2

Choeur des langues

Usar as PAR 64 que estão no lado esquerdo do Comissariado, aqui usar a luminária de Mercure

BLOC III – PARTIE CENTRALE DE LA NEF / A LA RECHERCHE DU PÈRE

Commissariat I

Não usar PAR 64 que ilumina o lugar da morte do mendigo.

Troca desta cue para a próxima colocar em 3”.

Choeur d'hommes-couvertures

Tudo ok aqui.

Karaoké / Père - Gamine

Ilumino Claire?

Mais lenta a entrada de Père e Gamine

Profile cortando projeção.

Meurtre du SDF

Ainda falta a moto.

Usar gobo?

Cortou antes a cena.

Ancien Appartement

Estou fazendo vista grossa com a position do contra, mas Jody vai trabalhar nisso hj a noite.

Escroc

Erro na entrada da cue para chegada do Escroc, Nicola entrou agaichado, não entendemos o que aconteceu.

Mudar o tempo do recorte fechando. A peça esta parando para vermos o movimento da luz, penso em integrá-lo ao movimento da cena. Escroc entra para sua casa, cortina fechando, Claire se virando e recorte fechando junto. Tudo ao mesmo tempo.

Baixar 20 % a intensidade, idem para Claire observar a cena.

Esperar a cortina totalmente aberta.

ABRIR PORTA DO ESCROC: REFLEXO NO VIDRO.

Le retour du pasteur

Acertar a position do Beto, não é muito boa.

Bar

Tudo ok.

Moment de solitude de la fille

Usar uma PAR 64 para isto. O Profile não esta dando bom resultado.

Baixar intensidade do Profile que a segue.

Pensei em tirar o bar aqui.

Mais sutil a luz para segui-la.

Commissariat II

Ajustar o tempo de Claire olhar Agente e se virar.

Baixar intensidade das colunas, ainda chama muita atenção.

Moving fora de posição na persiana.

Deplacement du public 3

Choeur des SDF

Installation des SDF

Até agora OK

BLOC IV – PARTIE DU FOND DE LA BOURSE / LE RAVAGE

Société d'économie II

Até aqui OK, fiz Jody errar a entrada do vermelho, minha ansiedade.

Manifestation a l'ambassade

Baixar luz para aparecer mais a projeção. Embaixada entra quando os manifestantes ganham o centro da Bolsa.

Fico com a sensação de que preciso de movimento para depois da morte da Lu, mas não tenho certeza.

Couple de jogeurs

Final do jogging não esta claro.

Rencontre agente-fille

Chamam este meu momento de romântico, luz do sec. XIX. Devo tirar o gobo, o azul? Fui para o belo, acho que de fato romantizei demais algo que talvez tenha que ser mais duro. Mas vejo este encontro como algo noturno, talvez tenha que tirar o gobo.

La guide touristique

Profile recortando Francis. Esperar Vania começar a andar para daí, acender a Bolsa.

BLOC III –Arriere-fond de la bourse / silence.

La conférence

Hummpf.

22.05.2014

O Black out esta andando e melhorando muito. Vamos ver, aqui temos um problema de começarem a fazer um trabalho e abandonarem. Espero que não desistam.

Filage de 22.05.2014

Belgica, Bolsa de Valores

Dire ce q'ouon ne pense pas dans des langues qu'on ne parle pas

QUESTÕES GERAIS:

Começamos com erros em uma sequencia que já dominávamos. O uso do HMI no aeroporto foi muito bacana, deu qualidade à luz e tornou absolutamente visível, com uma atmosfera fria, que tem tudo a ver com o espaço e com a cena.

Ao entrarmos problemas na imagem inicial e um inicio inseguro. Ao chegarmos no comissariado, pow...Problemas, a luz não entrou, deu pau no WIFI e perdemos contato com a mesa Master...ai ai ai...

A partir dai não consegui ver uma boa sequencia do espetáculo pois me envolvi em ajudar a resolver os problemas.

Check in todo dia, isto é muito importante. Usamos muitos recortes que sustentam a cena e se algum estiver fora de posição será um problema, assim conseguimos corrigir.

O uso do digital, o uso dos movings, leds são sempre um problema. Aqui minha luz é 90% digital com algumas PAR 64 e alguns Fresneis. O que sustenta a luz da cena é moving, e isto causa aquela insegurança. Além disso WIFI, é dor de cabeça pura, mas não me nego a avançar nesta pesquisa do uso dos Movings, Leds e Interfaces para operar. Acho que nosso tempo nos coloca estas questões e não consigo ficar alheio a isto.

Ninguem mandou, fui eu que quis...

PROLOGUE – AUTOUR DE LA BOURSE / IMAGES URBAINES.

Invasion SDF

As cenas são na escadaria da Bolsa, não tenho o que fazer.

Entre du public dans le hall de bourse:

BIOC I – HALL D'ENTRÉ / EXTÉRIEUR / EN DEHORS DE LA VILLE

Afinar a PAR 64 da cena Vania e Nicola, ainda não resolvemos isso.

Quando Nicola vai pra porta giratória devemos apagar o horiziode, quando for noite isso vai fazer a diferença e focar mais em Nicolas.

O HMI deve ser usado o tempo todo.

-Filha e pai caminhando.

-Filha e pai em fila durante monólogos de Beto e Vincent.

-Dialogo Filha e Agente II

-Agente e Perua.

No final, na imagem de filha usamos a fluorescente. Zegurar mais a imagem da filha quando publico entra.

Deplacément du public 1

BLOCK II – PRÉMIERE PARTIE DE LA NEF / AVANT LA DISPARITION DU PERE

Chez le syndicaliste

Foco da Filha na primeira imagem não é boa. O recorte na parede, a intensidade muito elevada. Creio que desfocar e diminuir a intensidade pode ser bom.

Os Profiles continuam dando problema e agora as duas colunas, de vincent e do Jean Pierre.

Saida da coluna de Jean Pierre 2” mais lento.

Final do sindicalista mais precisão.

L’agent aux toilettes

Tudo certo.

Chez le Médecin

Fluor não mudou de lugar.

Mudar o lugar da fluorescentes da esquerda. Colocar na janela em quer Vincent esta.

Société d’Economie I

Tirar os washs da cena.

Usar colunas na Sociedade de Economia.

Fechou mais a luz no balcão.

Rencontre Agent et Musulman

Aumentar o tempo da entrada do wash, colocar mais 3”.

Disparition du Père

Demorou um pouco para entrada da luz.

Deplacement du public 2

Choeur des langues

Demorar mais 3” para entrada dos profiles.

Acender as PAR 64 do bar para vermos melhor os bancos a 40%.

BLOC III – PARTIE CENTRALE DE LA NEF / A LA RECHERCHE DU PÈRE

Commissariat I

Deu pau na lâmpada e depois do ensaio descobrimos que um maquinista pisou no cabo e desconectou a lâmpada. Inacreditável.

Além deste problema deu pau no WIFI.

Penso em ter uma posição de stand by para este momento. Uma cue com profile para não termos problemas disso ?

Choeur d’hommes-couvertures

Não vi.

Karaoké / Père - Gamine

Não vi.

Meurtre du SDF

Não acendeu uma das lâmpadas de cidade

Não vi.

Ancien Appartement

Profile com recorte baixo, marcando parede.

Escroc

Chegada do Escroc, não rolou luz...

Luz para chegada de Claire demorou.

ABRIR PORTA DO ESCROC, REFLEXO NO VIDRO.

Le retour du pasteur

Acertar a position do Beto. Pedir pro Tó que Beto fique um pouco mais atrás.

Bar

Tudo ok.

Moment de solitude de la fille

Achei que melhorou.

Commissariat II

Não acendeu a luminária de novo, estava delisgada e isso me tirou da cena.

Deplacement du public 3

Choeur des SDF

Installation des SDF

Aqui gostaria de instaurar alguns movimentos novos.

-Fabian começa a gritar saem PAR 64 do bar.

-Cena do coro apagar o meio.

-Claire e Nicola, diminuir bem a luz do coro.

-Após Claire subir luz do coro novamente para dar tempo de Claire chegar a sociedade de economia.

BLOC IV – PARTIE DU FOND DE LA BOURSE / LE RAVAGE

Société d'économie II

Ok para a primeira parte.

Vermelho me deu a sensação de atraso, pois a cena acabou e o vermelho não estava a full ainda.

Manifestation a l'ambassade

Baixar luz para aparecer mais a projeção. Embaixada entra quando os manifestantes ganham o centro da Bolsa. Me deu a impressão de só ter entrado os profiles, acho que ao avançarem a fachada deve estar presente pois eles estão a caminho dela.

Couple de joueurs

Melhorou a atmosfera.

Mudei a cor da aparição do Agente, melhorou pra mim, sai do azul e fiquei numa cor estranha.

Rencontre agente-fille

Mudei e acho que ficou melhor, talvez um pouco claro demais.

La guide touristique

Não vi a cena, estava empurrando a Gennie para os atores.

BLOC III –Arriere-fond de la bourse / silence.

La conférence

Hummpf.

Filage de 24.05.2014

Belgica, Bolsa de Valores

Dire ce q'ouon ne pense pas dans des langues qu'on ne parle pas

QUESTÕES GERAIS:

Tivemos um avanço significativo e questões muito pontuais sobram. Temos ajustes em mudanças de cena propostas pela direção e não por questões de luz. No geral as atmosferas estão acertadas os tempos das cues melhoraram muito, as dinâmicas de mudanças de cena estão bem diferentes entre si, o que no todo me parece bom. As intensidades estão muito diferentes entre as cenas, o que também é bom pois não deixa o espetáculo monocórdico. Acho que temos unidade no uso das cores, não que isso seja necessário, mas temos o momento dia, o momento interno e o ambiente noturno.



Figura 14 Cena na casa do Sindicalista.

Acho que a cor da cidade esta presente, alguns poucos elementos do espaço, outros relacionados à cidade, temos fogo, temos uma moto que entra em cena e só sua luz que ilumina a cena, tem um momento com o vídeo. Enfim estou fechando um projeto que teve momentos muito difíceis. A reação do publico foi muito boa ontem, tivemos metade do publico o que foi interessante para entendermos a movimentação.

Amanha ultimo corrido antes da estréia.

PROLOGUE – AUTOUR DE LA BOURSE / IMAGES URBAINES.

Invasion SDF

Por enquanto OK

Entre du public dans le hall de bourse:

BIOC I – HALL D’ENTRÉ / EXTÉRIEUR / EN DEHORS DE LA VILLE

Por enquanto Ok, mas Tó vai mudar.

Deplacément du public 1

BLOCK II – PRÉMIERE PARTIE DE LA NEF / AVANT LA DISPARITION DU PERE

Chez le syndicaliste

Por enquanto OK

L'agent aux toilettes

Por enquanto OK

Chez le Médecin

Por enquanto OK

Société d'Economie I

Por enquanto OK

Rencontre Agent et Musulman

Por enquanto OK

Disparition du Père

Por enquanto OK

Deplacement du public 2

Choeur des langues

Foi bom, mas ainda me incomodo com o movimento dos movings quando ela vai para o meio.

BLOC III – PARTIE CENTRALE DE LA NEF / A LA RECHERCHE DU PÈRE

Commissariat I

Por enquanto OK

Choeur d'hommes-couvertures

Por enquanto OK

Karaoké / Père - Gamine

Mudou de lugar, refazer a luz toda.

Meurtre du SDF

Por enquanto OK

Ancien Appartement

Por enquanto OK

Escroc

OK por enquanto.

Le retour du pasteur

Por enquanto OK

Bar

Usar PAR 64 do alto esq para François.

Moment de solitude de la fille

Colocar 09 na luz e baixar intensidade durante a cena do BAR.

Usar PAR 64 do alto esq para François.

Commissariat II

Final do comissariado BO

Deplacement du public 3

Choeur des SDF

Installation des SDF

A cena se inicia com um BO.

-Depois PAR 64, baixar a intensidade.

-Atrium e sai PAR 64.

-Espaço onde esta o coro e sai o meio.

-Baixa coro e acende Claire e Nicola.

-Sai Claire e Nicola e sai coro.

- Sobre Imagem a ser criada

BLOC IV – PARTIE DU FOND DE LA BOURSE / LE RAVAGE

Société d'economie II

Tó pede que a imagem dure mais tempo. O que rolou foi que as atrizes cortaram texto e ninguém nos avisou.

Manifestation a l'ambassade

Abaixar um pouco a luz para a projeção

Couple de joueurs

Fazer os movimentos que preciso.

-Primeiro só no fundo.

-Depois todo o espaço.

-Quando eles veem o Agente, apaga tudo e fica somente Agente. Usar o mesmo Recorte em Nicola que uso no banheiro.

-Mais luz nas passarelas.

Rencontre agente-fille

Mudar tudo, tentar uma luz de beco, algo com um recorte como se fosse a luz de um poste e uma atmosfera noir.

Assim que Claire sai da cena já muda para Guia Turística.

La guide touristique

Fazer os movimentos que quero fazer.

-Primeiro somente o fundo.

-Segundo abre o meio e por fim toda a bolsa.

-Ver se é possível guardar o teto e as colunas para este momento do silêncio.

BLOC III –Arriere-fond de la bourse / silence.

La conférence

Afinar as PAR 38 do teto.

27.05.2014 a 07.06.2014

Meu trabalho, enquanto projeto, se encerrou aqui, neste dia. Não tinha mais nada para instalar, nenhuma mudança radical pra efetuar. Todas as atmosferas estavam bem colocadas. Passei a ver todos os dias e a fazer observações como as que listo aqui embaixo a seguir.

27.06.2014

- Tirar HMI para entrada do público na Bolsa

Sindicalist

-Nicola sai junto com Claire.

-Falta black out na área central.

-Luz azul forte no balcão.

Comissariat I

-Faltou Par 64.

Luz para Claire no Père e Gamine, entrada dura e muito intenso.

-Entrada do Escroc durante Ancien app, saída tem que ser o dobro do tempo.

-Atenção para a saída da luz do Ancien app, saiu vídeo luz junto, foi depois.

-Recorte do final do Escroc foi muito rápido.

-Led bar da janela do Beto fora de posição.

-Profile do bar mexe na cue em que Claire esta caminhando.

-Na segunda cue da invasão SDF, não tira PAR 64, só na 3ª cue.

-Baixar Par 64 na cue coro de mascaras quando JP e Vanja veem Nicola, apagar todos os planos alto e ficar somente com os wash.

-Usar ou não usar luminaire de mercurio no Reencontro filha e agente????

-Na cue para observar a Bolsa, um pouco mais tempo pro fade in.

-Euronext, fechamento das portas de vidro.

-Mascaras não saem ficam a 30%.

Dia 28.05.2014.

-Nicola saiu de novo antes, os três saem juntos, a deixa é quando os números escorrem.

-Reflexo no vidro do Le medecin, vou ter que eliminar esta luz frontal. Ela não faz falta.

-Deambulação de Claire, já na 1ª cue colocar luz nos bancos para plateia entender onde tem que ir.

-Deambulação de Claires 2ª cue, automatic correu...

-Na saída da Claire do bar para banheiro automatic mexeu de novo.

-Conference, luz cortando cabeça de Claire.

-Antecipar muçulmano.

-Tirar efeito polícia.

-Mais um wash no coro mascaras, está muito escuro.

- Testar fog na joana D'arc.
- Testar seguida de Nicola antes do Reencontro.

Dia 29.05.2014

- Airport OK
- A indicadora do Teatro Nacional na deambulação de Claire falando, orientando publico e com lanterna, precisa?
- Comissariado I, Par 64 desafinada.
- Demorar 2'' mais a saída de Claire no Reencontro.
- Mais lenta a 2ª cue Guide Touristic.
- Gosto mais quando o Fresnel se mistura com o recorte na Conference.

Dia 30.05.2014

- O que aconteceu dentro da Bolsa ? Luz toda acesa com a entrada do publico.
- Vazamento horroroso de luz natural no ATRIUM, lado do Grand Café.
- Luz da regie de vídeo muito forte.
- Luz do Père atrás da porta, entrar mais junto, no primeiro grito, colocar em 8''.
- Luz do Clochard, ninguém me avisou que eles subiriam no banco.
- Luz do bar quando Beto vem para Fabian, retardar, usar 8'' no tempo do fade in.
- Invasão SDF, luz do banheiro bar muito forte, ficar a 20%.
- Será que a projeção não espera 5'' para entrar na invasão SDF, reforçaríamos o tempo de escuro.
- Corte da embaixada mais precisão.
- Reencontro filha e agente, usar os dois washs o tempo todo.
- Luminaire de mercure:
 - 1ª entrada: Deambulação da filha.
 - 2ª Invasão SDF.
 - 3ª Jogging.

4ª Reencontro.

-Conference entrada do publico com FRESNEL a full para o publico enxergar.

Todos sentados cai na % da cena.

-Fresnel cortando cabeça de Vincent.

Dia 31.05.2014

Sindicalist

-Luz incidindo na coluna esquerda ????

-Luz para troca de figurino no fundo do sindicalista, again...

-Luz para Muçulmamo, entrada mais rápida.

-Não acendeu Luminaire mercure na Deambulacion Claire.

-Antecipou um pouco a entrada do Karaokê

-Mais lento ainda a luz da entrada do Père atrás da porta e atacar na primeira fala.

-Jack fechou a Gel e tirou o branco (eu tinha feito uma pequena fresta no filtro Urban Sódio que dava o branco necessário para a captação ao vivo da cena)

-Jack cruzando o espaço durante Père e Gamine.

-Par 64 estranha na cue Soc de Economia e Joana D'arc.

Dia 01.06.2014

-Antecipar entrada do wash no Beto em Muçulmano.

-Luz do Père, ainda mais precisão.

Dia 04.06.2014

-Saída do Karaokê, retardar mais ainda pois Vanja esta ficando no escuro, ela demora um pouco pra sair, usar 10" para a saída.

-Pequenas correções de tempo de entradas e saídas, tirar uma luz frontal no Le Medecin que refletia no publico, a demora em entrar a luz no Muçulmam

et Agent, pois Beto ficava no escuro, atrás de uma coluna. Não mexi mais em intensidades.



Figura 15 Cena do Aeroporto.

CONCLUSÕES

É curioso que sempre tem uma cena que demoro pra acertar. Desta vez foi o reencontro da filha e do agente. Passei de um clima “romântico” como foi intitulado pelo Duran, nosso dramaturgo, se referindo ao período histórico, por mim dado o título de luz tradicional, teatral, pois eu usava um gobo que lembrava foliagem, azul para dar o clima noturno. Deste desenho acabei indo pra algo mais urbano usando um recorte com cor que simulava o vapor de sódio, e uma virada na cena, Antônio sempre muda alguma coisa no dia da estréia, e nesta virada voltava o branco frio, pois a cena fazia referência a um momento do Aeroporto, uma das cenas do Prologo.

Do que ficou pra mim deste projeto é o acerto na escolha dos equipamentos. Não teria conseguido fazer este espetáculo se não tivesse os Automatics (Moving

Lights) e principalmente se entre eles não tivesse o Profile, que me possibilitava o recorte.

Antônio foi criando cenas, sub cenas, colocando o personagem da filha observando várias cenas, mudando esta posição... Eu não teria tempo hábil, nem equipamento suficiente para atender a todas estas necessidades. A base de minha luz foi feita com estes equipamentos, incrível pensar como eles se multiplicam, eu tinha 12 Clay Paky Alpha Profile 1500 e 12 Clay Paky Alpha Wash 1200, somente 24 aparelhos que se multiplicaram em muitos pontos de luz, focos, texturas, cor, recortes, movimento, etc...

Perguntei ao Jack, técnico espanhol que vive em Bruxelas há muitos anos e participou da montagem, o que ele tinha pra me dizer sobre o projeto de luz. Sua resposta foi direta, não gostava do uso dos automatics na cena, achava que a cor da luz, do branco, não era boa, que as entradas e saídas tinham que ser muito bem estudadas e que seu uso demandava muito trabalho.

Ele ainda prefere a temperatura de cor das halogenas e o uso do filtro Lee 202, pois com este material ele consegue graduações mais interessantes, segundo ele eu não conseguiria fazer o projeto se não tivesse optado pelo uso deles (automatics), mas que não gostava. E por fim sentenciou: *No me gusta el verde*. Percebi ao longo do processo que não tinha onde “enfiar” minha cor predileta em luz, o verde. Depois de toda a luz definida na cena do Escroc, tinha uma frente branca muito intensa, fiz então um recorte verde em uma parede do espaço, exatamente onde parava a personagem da filha num dialogo com o Escroc. Ali a sua sombra na parede ficava verde. Quase ninguém percebia, somente Jack com seu olhar agudo e crítico.

Desta observação do Jack, o que fica pra mim é que optei pelos automatics não por ter certeza de que era minha melhor opção, mas pelo simples fato de que intui ser a melhor opção e por vir trabalhando seguidamente com estes tipos de equipamento.

Diferente do Jack eu gosto do branco “estranho” ao teatro. Acho que vivemos outros tempos e que o teatro se transformou, os equipamentos que iluminam a cena mudaram, não consigo ficar alheio a isto. O que seria do Light

Designer se quando a luz elétrica apareceu ele continuasse com o uso do gás, claro que deve ter havido rejeição, mas a mudança estética passou pela mudança dos equipamentos.

Penso que a realidade pra mim hoje é esta, tento viver meu tempo e discutir, vem daí minhas opções, gosto do estanhamento, gosto do artificial. Estamos no teatro, não na natureza. Se assim fosse o teatro seria feito a luz do dia. Ninguém me avisou que pra se fazer luz de teatro em que ficar no uso de lâmpadas com temperatura de 3.800 K a 4000 K. Olha que essa era minha cor no espetáculo, usada nos automatics e que virou motivo de piada com Jody, o meu assistente/programador/operador/chefe de montagem.

Jody, sabe qual cor usamos aí? - ele respondia prontamente com um sorriso: 3.500 K. E seguíamos gravando.

Isso significa que os automatics te dão o recurso de simular a luz das halógenas.

Saio feliz por poder ter este espaço de pesquisa e criação, um privilégio que desejo a todos meus amigos. Diferente de outros processos, entrei no projeto aqui em Bruxelas faltando 41 dias pra estréia e isso não foi um problema, mas sim uma questão. Deixei de lado minha pesquisa com a construção artesanal, não havia tempo pra isso. Fica claro pra mim que a criação é mais misteriosa do que imaginamos e nunca segue uma linha reta, ela pode se dar de diferentes formas e ser coerente em cada uma delas. Aqui após vinte e um anos de processos longos enfrentei um processo curto, rápido e falado em outra língua.

A espera de Avignon.

ANEXO I – Ficha técnica

Titulo do espetáculo: Dire ce qu'on ne pense pas...dans deslangues qu'on ne parle pas (*Dizer o que você não pensa... em línguas que você não fala*)

Ficha técnica:

Texto: Bernardo Carvalho

Direção: Antônio Araújo

Com: Roberto Audio, Jean-Pierre Baudson, Claire Bodson, Didier De Neck, Vanja Godée, Nicolas Gonzales, Vincent Hennebicq e Luciana Schwinden

Coro: Laetitia Augustin-Viguier, Khatia Bissoli, François Ebouele, Laetitia Evens, Daniel Farias, Fabien Magry e Nabil Missoumi

Dramaturgia: Silvia Fernandes e Antônio Duran

Cenografia: Thiago Bortolozzo

Desenho de luz: Guilherme Bonfanti

Música original e criação sonora: Thomas Turine

Trompete: Ludovic Bouteligier

Vídeo: Fred Vaillant

Figurinos: Frédéric Denis e Laurence Hermant

Assistente de direção: Eliana Monteiro e Maria Clara Ferrer

Tradução: Pauline Alphen

Coordenação de produção da companhia Teatro da Vertigem: Roberta Val

Realização de figurino: ateliers du Théâtre National Bruxelles

Coprodução: Festival d'Avignon e Théâtre National Bruxelles, com participação da companhia Teatro da Vertigem e subsídios do Programme Culture de l'Union Européenne integrados ao projeto Villes en Scène/Cities on Stage

ANEXO II – Sinótese

A trama gira em torno de um brasileiro que na década de 1970 passou uma temporada em Bruxelas como exilado político da ditadura militar brasileira. Após a morte de sua mulher, é trazido à Bélgica pela filha economista, convidada a dar uma palestra cujo tema é *Crise europeia e identidade*. Ela imagina que fará bem ao pai rever lugares e pessoas do passado, mote para que se trate de temas como pertencimento e intolerância. A crise europeia e suas consequências sobre as relações humanas é o eixo temático do espetáculo que tem entre seus principais personagens um agente da imigração. A confusão entre fronteiras ideológicas também está entre os temas. O sindicalista que abrigou o pai no passado se diz de esquerda, mas faz um discurso no qual defende ações de segregação e controle com o argumento de que é preciso combater a corrupção.

ANEXO III - 7 perguntas a Jody De Neef (reponsável técnico pela montagem de iluminação, assistente e operador de luz do espetáculo).

1 – Qual seu nome e sua função no projeto, qual foi sua formação na área que você exerce e há quanto tempo pratica esse ofício?

Eu me chamo De Neef Jody, tenho 27 anos, sou operador de luz nesse projeto. Minha formação de técnicos operadores de espetáculos foi em Bruxelas. São estudos de 3 anos que compreendem 2 dias de aulas por semana, e o resto do tempo nós fazemos estágio dentro de uma empresa (teatro, eventos, ópera...). Postulei um lugar de estagiário no Teatro Nacional da Comunidade Francesa da Bélgica com 18 anos. Realizei meus anos de estágio na equipe de iluminação. Para ser honesto, eu não tive sucesso em meus estudos. Mas o Teatro Nacional me aceitou assim mesmo. Depois disso estive sempre lá, e tive a sorte de trabalhar com muitos diretores mais ou menos conhecidos, como Antonio Araújo, e com o professor e desde então meu amigo Guilherme Bonfanti.

2 – Em seu país, como sua profissão se situa: as áreas e formações profissionais, as remunerações, as garantias de trabalho, o mercado de trabalho, a concorrência, etc.?

Na Bélgica francófona, a grande maioria dos técnicos operadores são free lances. Bem poucos teatros ou companhias oferecem contratos de duração indeterminada. No projeto, nós éramos todos técnicos e operadores sob contrato indeterminado. O Teatro Nacional é um pouco uma exceção nessa área. A maior parte dos técnicos e operadores tem contratos bastante curtos, o que provoca concorrência e condições de trabalho menos protegidas.

Para os free lances, na Bélgica, existe uma indenização de desemprego que as pessoas do mundo do espetáculo recebem quando não estão contratadas! Isso deve ser seguramente a maior diferença para seu país. Nossos salários variam muito conforme a experiência. Mas nós recebemos um mínimo de 120 € por dia ou o mínimo de 1300 € por mês.

3 – *Descreva os procedimentos de execução do projeto, se possível etapa por etapa, do início até a montagem. Nós poderíamos dividir o processo em períodos: primeiramente os ensaios no Estúdio, depois na Bolsa, a montagem e as apresentações.*

De um ponto de vista técnico, nós começamos por escolher os operadores adequados para o projeto. Depois, nós esperamos que a equipe artística chegasse. Há uma fase de trabalho em que nós acompanhamos os ensaios sem tantos recursos técnicos. Nós fazemos nosso melhor para satisfazer as demandas artísticas, o que nesse projeto não era necessariamente fácil dentro de nossa sala de ensaios, visto a amplitude da cenografia ! Nesse período nós precisamos igualmente preparar a montagem no local do espetáculo. Aqui nós nos apresentariamos dentro da Bolsa de Bruxelas que tinha sido cedida para teatro pela primeira vez e que não é nem um pouco preparado para isso. Portanto, nós começamos, de acordo com nossos criadores, a encontrar o material necessário para atender ao máximo à demanda.

Nós fizemos muitas visitas técnicas ao local. A maior interrogação era a fixação da iluminação, pois esse prédio é velho e tombado. Cada operador precisou encontrar os meios de acompanhar as cenas à distância, pois o espetáculo é itinerante.

No primeiro dia da montagem nós precisávamos levar várias toneladas de materiais ao espaço e começar a montagem. Nós éramos mais ou menos 25 técnicos e operadores. Devíamos primeiramente instalar toda a rede elétrica, pendurar as estruturas e instalar o material. Para o bom desenrolar do espetáculo eu usei 4 linhas dmx 512, 2 mesas ligadas em rede, um iPad ligado à mesma rede, e uma última mesa apenas para a última cena. Tudo isso com o objetivo de ser o mais discreto e eficiente possível.

Uma vez todo esse material montado, nós pudemos começar com as fases de ensaios e de criações. Eu passei todas as minhas tardes e noites com meu caro professor. A maior parte de meu trabalho consistia em responder a essas demandas. Ele, o cérebro, e eu, transpirando atrás de minha mesa para controlar os 24 *clay paki*, os mais ou menos 60 projetores LED, e alguns projetores tradicionais. A grande dificuldade é que se deve ser o mais rápido possível para que os atores possam ter o maior tempo possível. Deve-se manter para isso uma lógica de

trabalho durante toda a criação, pois mais tarde, é certo que será preciso aperfeiçoar as posições, as cores e outros parâmetros, na ausência de atores e/ou de criadores. (E às vezes faz bem trabalhar na calma!!!!).

As manhãs e às vezes a madrugada nos serviam para aperfeiçoar, acrescentar, retirar material, consertar as pequenas partes. Depois vêm as apresentações. Aí é preciso vir durante a tarde, para assegurar-se que tudo está em ordem para o espetáculo da noite. Mais tarde, uma boa cerveja, concentração, e lá estou eu com meu iPad no público para iluminar esse espetáculo.

4 – Quais são as diferenças entre esse tipo de projeto e os projetos em um palco de teatro? Exponha as dificuldades que você enfrentou e as soluções que achou, ou as mudanças que precisaram ser efetuadas na sequência de um problema para o qual você não encontrou solução.

As grandes diferenças são evidentemente o conforto do palco, nós temos em nosso país salas hiper equipadas que nos permitem fazer quase tudo o que quisermos dentro de um timing muito mais curto. Evidentemente a dificuldade aqui foi o fato de fazer seu trabalho na própria plateia! E o espetáculo ser itinerante.

A maior dificuldade foi o sistema de fixação dos equipamentos. A primeira ideia de Guilherme era colocar estruturas nas cantoneiras (cornijas) do prédio. Infelizmente impossível de realizar por causa da fraqueza das mesmas. Com a ajuda de uma empresa de eventos, nós decidimos colocar motores acima das grandes vidraças, fazer passar as correntes dos motores dentro de aberturas para em seguida pendurar as estruturas abaixo das vidraças, a mais ou menos 17 m de altura.

Houve o problema do black out, pois enormes janelas e duas enormes vidraças no teto deixavam passar muita luz natural. A única solução foi contratar um pessoal para cuidar disso já que minha equipe não tinha realmente tempo para fazê-lo. Houve o problema da operação, resolvido por 2 meses e um iPad (citado antes) e uma rede wifi (depois me demorarei mais sobre isso).

O problema do cansaço... Isso, não tem segredo: um bom ambiente, tentar dormir, fazer festa um pouco (pela pressão), e café (cerveja também, mas isso não se pode dizer!). E depois o último problema, Guilherme, claro. Ele me desconcentra, ele escolhe sempre as mesmas cores, ele não fala francês... NÃO, não é verdade, era uma felicidade trabalhar com ele!!! Eu aconselho.

5 – Como as questões relativas à segurança dentro do espaço e a questão da operação do espetáculo foram tratadas? Você pode falar do uso da rede WIFI no trabalho de operação?

Houve algumas pequenas questões de segurança. Como expliquei, havia essas estruturas que precisamos colocar fora, em outro lugar por questões de segurança de montagens, estruturais e de pessoas. E no fim, ali onde foram colocadas, eu precisava de mais ou menos 2 horas para fazer descer uma estrutura (Q30 com os movings). Pois era preciso retirar a segurança da ponte (cabos de aço) e, principalmente, deixar os técnicos seguros. Houve o problema do fogo... Antonio Araújo queria de todo jeito uma cena com fogo. Impossível no fim, já que em um prédio tombado é impossível... Nós ainda assim utilizamos artifícios e fumaça artificial. Era preciso desativar o alarme, pois nós tivemos várias vezes a visita dos bombeiros com o equipamento de grande intervenção! Depois, a segurança do público. Aí, havia o pessoal das salas para apoiá-los em caso de problemas.

Para as operações comandadas à distância, nós precisamos criar uma rede wifi. Com conexões/terminais em todos os lugares dentro do prédio e no exterior, para que ficássemos conectados em qualquer lugar. Nossa primeira ideia era fazer uma única rede. Isso não era bastante para as três operações(som, luz e vídeo). Havia uma rede para o som, que usava banda larga. E mais uma para a luz e o vídeo. O princípio é esse. Era preciso que cada roteador e cada terminal (mais ou menos 6), cada mesa e iPad luzes (3), cada computador e iPad vídeos (4), e cada vídeo projetor (mais ou menos 8) tivessem todos um endereço IP diferente. Do contrário, há conflito e simplesmente não funciona. É importante que todos os roteadores e as conexões wifi tenham o mesmo nome!!!

Eu vou lhes descrever o conceito desta instalação na luz porque é aí que posso me expressar melhor. Eu precisava de uma operação estrategicamente bem colocada, para evitar usar cabos DMX demais (havia ainda assim várias centenas de metros), e para poder intervir em caso de problemas, pois a mesa dessa operação é a mesa mestre! A essa mesa estava ligado um roteador WIFI. Então, é preciso atribuir um endereço IP à mesa. Depois, com minha segunda mesa que usei todo o tempo e que passeou conosco durante toda a fase da criação, eu a inicio em modo

“remoto”, quer dizer que ela não será mais do que um comando da mesa mestre. Iniciando-a em modo “remoto” dou-lhe o endereço IP da mesa mestre e elas serão como uma só. Minha segunda mesa fica ligada somente a uma conexão WIFI. Para o iPad é mais ou menos a mesma coisa: eu me conecto à rede, abro o programa, dou-lhe o endereço IP de minha mesa mestre. Em seguida o programa vai mostrar exatamente o que há em minhas duas mesas. Logo, quando aperto go meus sinais de partida passam para as duas mesas e para o iPad simultaneamente. Espero que esteja claro...

6 – Como foi o trabalho com a equipe brasileira? Quais dificuldades você encontrou, quais foram os pontos negativos e os pontos positivos?

Tenho o sentimento que o trabalho se passou bem... Todo o mundo estava contente com o resultado e com o trabalho fornecido. O mais complicado evidentemente é a língua, mas eu acho que a gente se saiu bem. Há também o fato que no Brasil se tem mais tempo para trabalhar, às vezes os brasileiros ficavam sob pressão. Todo mundo, de fato.

Os pontos positivos foram que ao final o espetáculo ficou excelente, que foi uma experiência extraordinária e que encontrei pessoas magníficas que nunca esquecerei...

7 – Você gostaria de acrescentar outros comentários fora das perguntas feitas?

Se vocês tiverem um dia a ocasião de fazer um projeto similar, vão fundo...

E também, saúde.

De neef Jody

ANEXO IV - 7 perguntas a Cédric OTTE (técnico de áudio do Teatro Nacional, responsável pela engenharia de som do espetáculo e operador dos microfones)

1 – *Qual é seu nome e sua função no projeto, qual foi sua formação na área que exerce e há quanto tempo pratica esse ofício?*

Meu nome é Cédric Otte, eu segui um percurso de estudos secundários clássicos (clássicos, mas longos... kkkkkkk!), em seguida estudei no Conservatório de Música seção Música Eletrônica (trata-se de composições musicais a partir de elementos sonoros não musicais, ver Pierre Henry, por exemplo, ou certos pedaços de Frank Zappa). Nesse quadro eu aproveitei um estúdio de gravação bastante especial de composição eletrônica. Na sequência, estudei 2 anos em uma escola de técnicos para som... Mas não terminei essa escola, eu já trabalhava e era impossível assistir às aulas. Há 15 anos eu trabalho de maneira profissional.

2 – *Em seu país, como sua profissão se situa: as áreas e formações profissionais, as remunerações, as garantias de trabalho, o mercado de trabalho, a concorrência, etc.?*

Aqui na Bélgica, há numerosas maneiras de se iniciar no ofício do espetáculo, frequentemente a experiência é a maneira mais confiável... Mas, para ter experiência é preciso ter um diploma e estar em contato com as pessoas do meio. Existe concorrência, mas tem tanto trabalho que nunca se fica muito tempo sem trabalho. É a primeira vez que sou contratado em definitivo (2013 no Teatro Nacional), e antes disso eu trabalhava para Óperas, Rock e às vezes teatro, agora trabalho unicamente para teatro.

3 – *Descreva os procedimentos de execução de seu projeto, se possível etapa por etapa, do início até a montagem. Nós poderíamos dividir o processo em períodos: primeiramente os ensaios no Estúdio, depois na Bolsa, a montagem e as representações.*

Primeiramente o criador musical (Thomas Turine) entrou em contato com Antonio, depois entrou em contato comigo, e fizemos um *de-rushage* (pré-

trabalho). No estúdio nós respondemos às exigências da encenação que se construía pouco a pouco (Antonio já tinha uma ideia precisa da encenação, mas era a primeira vez que todo o mundo se via). Nós preparamos a montagem da Bolsa fazendo numerosas visitas técnicas e imaginando o material necessário. Mais tarde nós tivemos 2 a 3 semanas para resolver os problemas técnicos ligados ao WIFI (ver folha anexa WIFI), e a técnica tornou-se cada vez mais confiável até chegar aos ensaios finais.

4 – Quais são as diferenças entre esse tipo de projeto e os projetos em um palco de teatro? Exponha as dificuldades que você enfrentou e as soluções que achou, ou as mudanças que precisaram ser efetuadas na sequência de um problema para o qual você não encontrou solução.

Dois tipos principais de problemas:

1) Os problemas ligados à multidifusão sonora.

A solução foi instalar várias caixas frontais a cena (FOH), assim o “patch” de saída da mesa mudava a cada mudança de cena.

2) Os problemas ligados aos deslocamentos e à gestão do controle do espetáculo em wireless.

A solução mais eficaz, mas não sem falhas, foi fazer 2 redes WIFI independentes para a sonorização, a primeira rede era para Thomas (Top da composição sonora em Live Ableton), a segunda rede WIFI era para mim e eu comandava à distância as aberturas e fechamentos de microfones e os níveis sonoros. Observem que essas duas redes independentes eram multiplicadas por duas... Já que havia as cenas exteriores.

5 – Como as questões relativas à segurança dentro do espaço e a questão da operação do espetáculo foram tratadas? Você pode falar do uso da rede WIFI no trabalho de operação (mesa de controle)?

Ver anexo V.

6 – Como foi o trabalho com a equipe brasileira? Quais dificuldades você encontrou, quais foram os pontos negativos e os pontos positivos?

O trabalho com a equipe do Brasil foi muito agradável humanamente, vocês são muito mais doces e muito mais atenciosos do que nós, europeus. O principal problema era devido à compreensão das línguas e principalmente ao seguinte: no Brasil vocês costumam trabalhar no instante de criar com o que vocês têm (material profissional ou material amador, vocês mesmos constroem), e nós aqui na Europa temos uma hierarquia muito clara que nos obriga a preparar numerosas coisas com antecedência, a pedir permissão. Não podemos fazer o que quisermos sem a opinião dos superiores e os pedidos apropriados. As inúmeras mudanças da cenografia (obrigado Thiago... kkkkk) às vezes nos complicaram o trabalho, pois, se deslocar uma cadeira de 5m leva 20 segundos, deslocar os alto-falantes/caixas de som, os multicabos, e os cabos/roteadores muito complexos levava por vezes duas horas... E gerava problemas para as outras cenas... E além do mais, depois de uma sessão a cadeira voltava a seu lugar inicial!!! Kkkkkk!

7 – Você gostaria de acrescentar outros comentários além das perguntas feitas?

Eu nunca tinha trabalhado com um teatro itinerante. Aprendi inúmeras coisas e o trabalho com os brasileiros (falo de mim) foi um verdadeiro prazer, nossas visões se misturaram para o melhor! Ficaria muito feliz por trabalhar de novo com o Teatro da Vertigem! Verdade!

ANEXO V – Instalação Wifi Som para o espetáculo Dire ce qu'on ne pense pas dans des langues qu'on ne parles pas

Por Cédric OTTE

Apresentação:

Antes de tudo é preciso saber que na base nós ficamos na instalação wifi geral, quer dizer, com a rede da Luz e do Vídeo, mas eu constatei bem rapidamente que o aplicativo que permite acompanhar o espetáculo ao mesmo tempo em que gerenciava a M7CL e/ou a LS9 era muito guloso. Na verdade funciona em streaming in/out e é bem mais estável quando está sozinho (ou com a divisão de tela do Mac Book Pro Live Ableton unicamente) na rede.

Eu refiz, portanto, uma rede à parte com 4 pontos de acesso, dois para Thomas (IN e OUT) e dois para mim (IN e Out), logo 4 terminais/conexões, dois no exterior e dois no interior.

Isso permitiu à conexão estar disponível em todos os momentos, e principalmente possuir conexões independentes e nomeadas (se eu pusesse a totalidade da rede em quatro conexões sob um mesmo nome, o iPad teria a tendência em ficar na primeira conexão à qual ele tinha se conectado até que perdesse o sinal para enfim se conectar à seguinte aqui, sem problemas, uma conexão atende o interior corretamente e outra o exterior... duplicada toda vez, uma para Stage mix e a outra para a divisão de tela de Live Ableton).

Gestão da rede wifi:

Aqui em pleno centro de Bruxelas eu me habituei a escanear a frequência 2.4GHz todos os dias antes do espetáculo, às vezes certas frequências (escolhas de 1 a 13) ficam saturadas e nesse caso é melhor mudar de frequência de emissão (Access Point) das conexões wifi.

Dica salvadora em muitos casos: não hesitar no caso de lentidão de Stage mix em se desconectar da rede (Esquecer rede) e se reconectar reintroduzindo os dados do Access Point, estranho, mas funciona, eu achei essa manipulação em um Topic e desde então nunca mais o Stage mix desligou.

MATERIAL	IP4	MAC ENDEREÇO/DIVISÃO VNC
Ipad interior	192.168.0.101	inútil
Ipad exterior	192.168.0.102	inútil
Imac interior	192.168.0.122	vnc://192.168.0.122/
Imac exterior	192.168.0.123	vnc://192.168.0.123/
Mac book pro interior Divisão de tela	192.168.0.130	inútil
Mac book pro exterior Divisão de tela	192.168.0.121	inútil
LS9-16	192.168.0.110	indispensável (menu Set up/Network)
M7CL	192.168.0.103	indispensável (menu Set up/Network)
Access Point 1 Thomas IN LiveAbleton	192.168.0.50	inútil
Access Point 2 Cédric IN Stagemix M7CL	192.168.0.51	inútil
Access Point 3 Thomas OUT LiveAbleton	192.168.0.52	inútil
Access Point 4 Cédric OUT Stagemix LS9	192.168.0.6	inútil

ANEXO VI – Operação da Luz em Wifi do espetáculo Dire ce qu'on ne pense pas dans des langues qu'on ne parles pas

por Didier Covassin

Operação em wifi (Parte 1)

Para um espetáculo que será encenado em breve na Bolsa de Bruxelas, a escolha da encenação e da cenografia é um passeio dos espectadores dentro do local. Para responder às exigências técnicas desse tipo de espetáculo, as operações serão móveis e controladas por iPads religados sem fio às mesas de luz, som e vídeo.

Enquanto bom apaixonado por informática, eu tentei modestamente trazer minha ajuda ao projeto para desdobramento da rede wifi. É uma estreia para mim e a equipe e nós caminhamos um pouco em direção ao desconhecido. Mas, eu vou tentar explicar-lhes os problemas que nós encontramos e as soluções que poderemos (eu espero) trazer.

O material

Nós optamos por um Roteador **Linksys WRT-1900-AC**.



Para completar a rede e difundir em todas as salas, nós compramos 8 pontos de acesso **TP Link TL-WA801-ND**. São aparelhos muito baratos, mas que, segundo as críticas, fazem o trabalho. Têm também a vantagem de poder ser alimentados em PoE (Power over Ethernet). Alguns serão usados em **PA**, outros em **Client**, ou ainda em **Range Extender**.



E enfim, nós completamos nossa lista com 2 switches **Cisco SF 100D-o8P**. Eles apresentam 8 portas, entre as quais 4 em PoE.



Para o resto da rede, são switches 100Mbps e grandes comprimentos de cabos Ethernet que já temos em estoque.

As primeiras observações

O PoE:

Primeira constatação na apresentação, os PA TP-Link não são verdadeiramente compatíveis com a norma PoE. Existe de fato uma norma passiva e ativa. A última responde ao nome de 802.3af.

Com o PoE passivo, a corrente é veiculada nos pares não usados, enquanto que com um PoE ativo, a corrente circula igualmente nos pares data, o que requer um protocolo particular que permite aos periféricos se reconhecerem e dialogarem antes de mandarem a corrente elétrica.

Felizmente, os PA são entregues com um injetor, que é uma simples conectividade que acrescenta a corrente nos pares livres. Infelizmente, permitem apenas um comprimento de cabo de 30m.

Range Extender:

Uma má ideia era (para evitar puxar o cabo em lugares pouco acessíveis) configurar certo TP-Link em Range Extender. A fraca recepção, conjugada à repetição, só fazia diminuir a velocidade do fluxo até a redução total. Foi preciso finalmente religá-los normalmente.

Os cabos de mais de 100 m:

Com cabos FTP Cat 5e, é desaconselhado ultrapassar 100m. Além, a atenuação do sinal é nociva ao fluxo. Para trazer de volta a Internet ao roteador a partir de uma BBOX no térreo, eu precisei puxar largamente mais de 100 m (uns 200 m) passando também pela rede estruturada já em seu lugar dentro do prédio. Como a atenuação era tal que eu não tinha mais sinal detectado na chegada, coloquei um switch, interruptor no meio do trajeto, o que funciona muito bem.

Os endereços IP:

Para simplificar as coisas, cada serviço recebeu uma faixa IP dentro da qual ele faz o que quiser (quer dizer, quase...).

192.168.0.1 -> 192.168.0.50: para o roteador e os PA, Clients, enfim, o material de rede. 192.168.0.51 -> 192.168.0.100: A Luz 192.168.0.101 -> 192.168.0.150: O Som 192.168.0.151 -> 192.168.0.200: O Vídeo 192.168.0.201 -> 192.168.0.254: Os convidados (Smartphones, Tablets, Laptop,...) em DHCP.

Além da última faixa em DHCP, todos os outros IP são fixos.

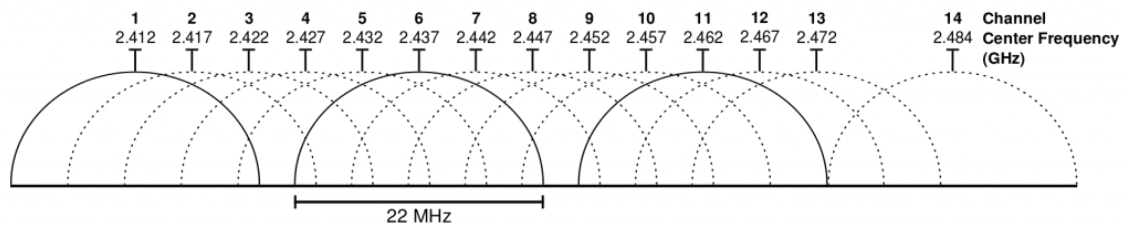
O cliente WIFI:

Para controlar a luz (isso será objeto de um próximo post), durante os ensaios, nós usamos 2 mesas Light Palettes Strand Light. Uma como mestre (anfitrião) e a outra como cliente (escrava). A Palheta anfitriã está conectada à rede em Ethernet enquanto a Palheta cliente (escrava), sobre uma mesa de rodinhas, está conectada em WIFI via um TP-Link configurado como cliente(escrava).

Problema, esse cliente (escrava) WIFI só pode se conectar a um único PA via seu SSID e seu MAC endereço. Enquanto que os iPad podem fazer Handover (alguns dizem Roaming), a caixa TP-Link não pode. É preciso sempre ficar à vista com o PA que foi configurado.

As frequências:

Esquecemos muitas vezes, mas é importante escolher bem suas frequências. Esse pequeno soft – WIFI Explorer – é bastante útil para explorar o ambiente rádio que nos envolve. Cada canal a uma largura de 22MHz. Usar dois canais próximos provoca inevitavelmente interferências. É preferível escolher um canal já ocupado, pois um protocolo permite aos AP se sincronizarem para evitar os problemas. A normalização prevê que se ocupem somente os canais 1, 6 e 11. Infelizmente, alguns utilizadores não respeitam esse princípio e vêm então se colocar ao mesmo tempo sobre duas bandas de frequências.



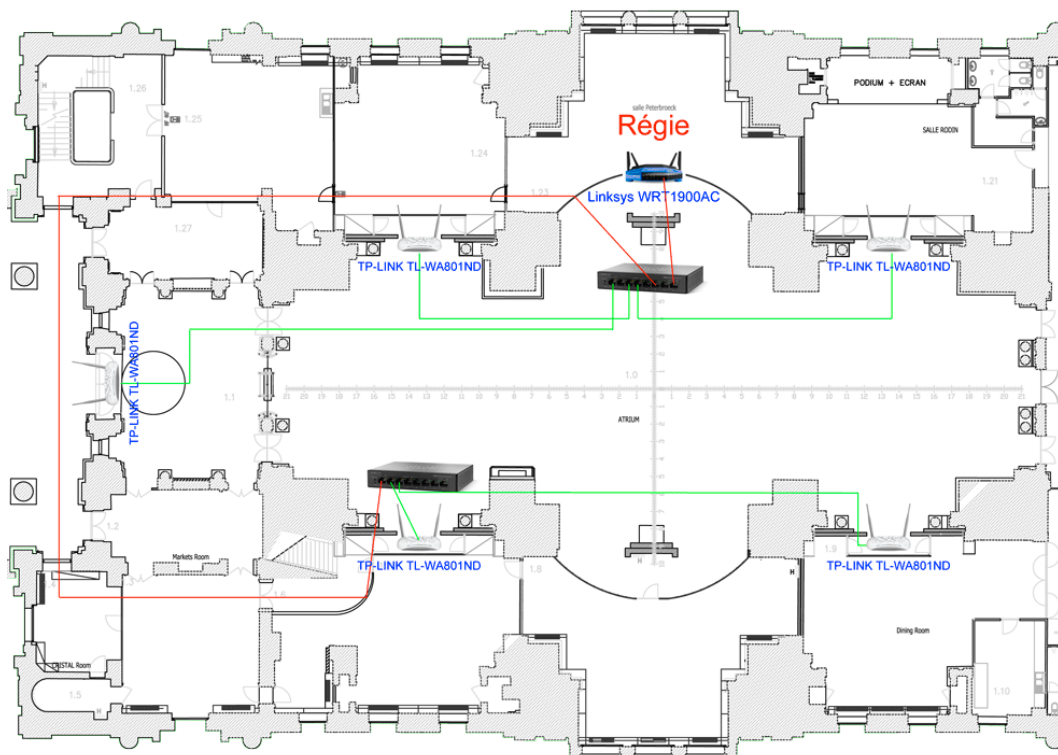
O fluxo (taxa de transferência, velocidade):

A outra grande surpresa à qual eu nunca tinha prestado atenção é o fluxo/velocidade “real” do wifi. Com um PA 802.11g, o fluxo teórico é de 54 mbps. Em realidade, giramos mais para em torno de 20mbps a alguns metros sem obstáculos. Em 802.11n, o fluxo teórico é de 150mbps e em meu iPad, ele recai para aproximadamente 75mbps (80mbps no melhor dos casos).

Operação em wifi (Parte 2)

O desdobramento da rede wifi na Bolsa de Bruxelas terminou e está mais para o funcional.

Aqui está um pequeno esquema que retoma a posição dos PA dentro do prédio:

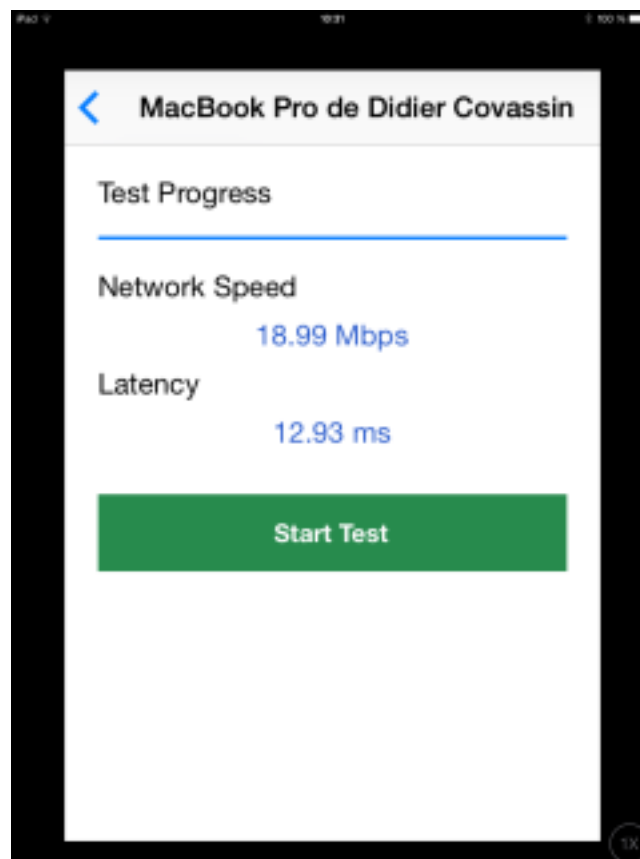


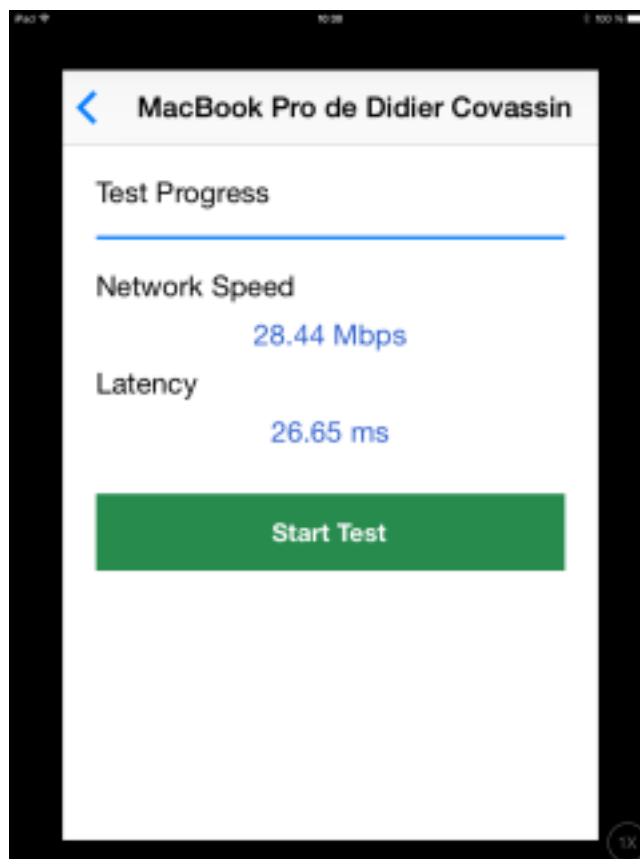
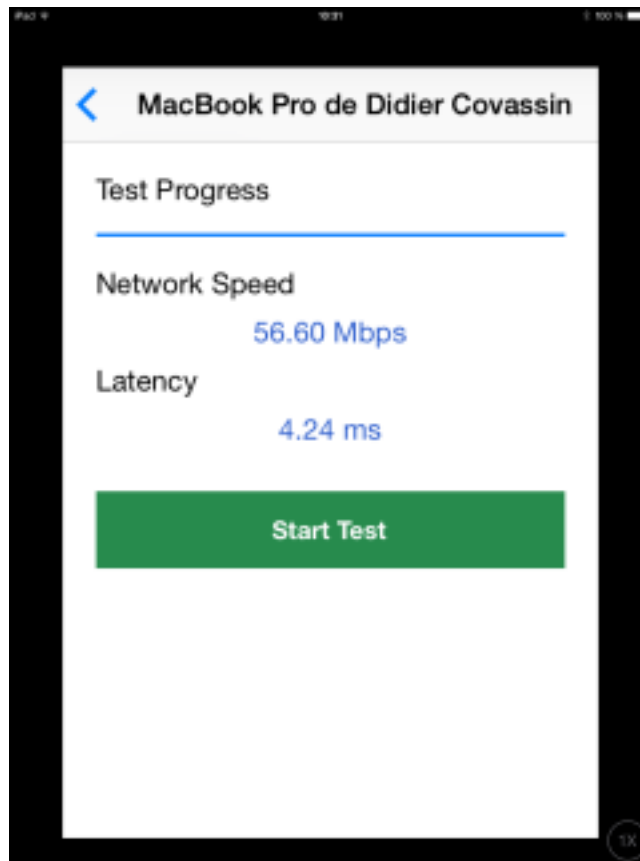
Atualmente os canais dos PA estão configurados como se segue:

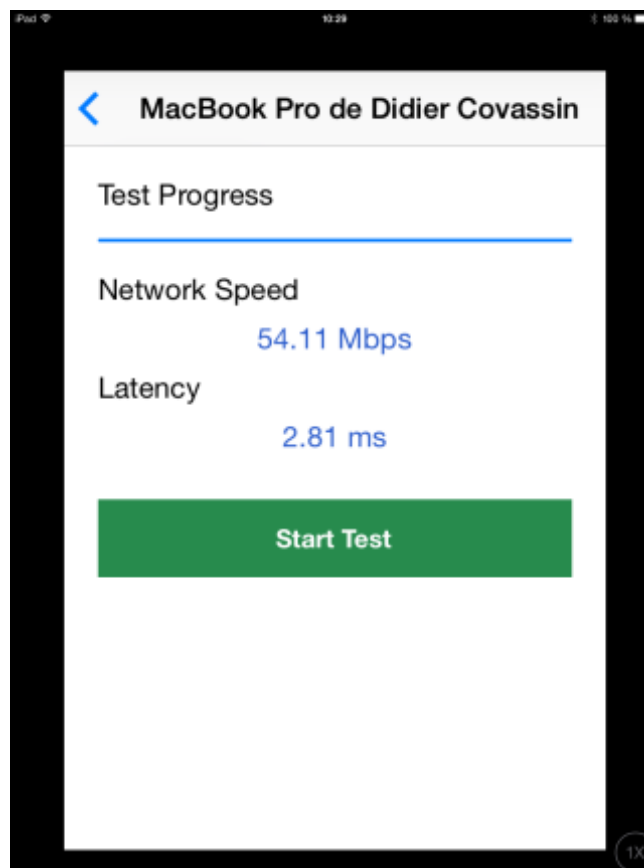
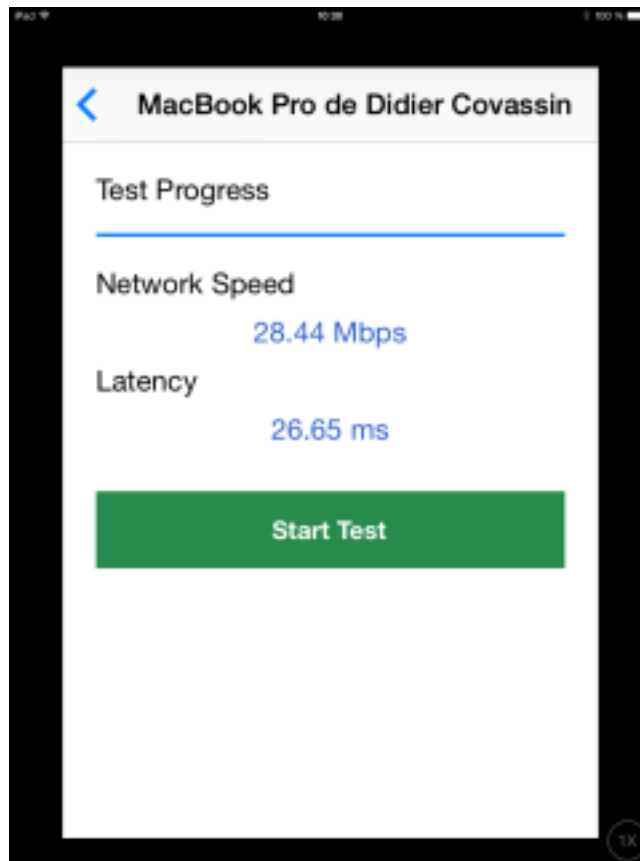
- Os que estão em cima no plano: canal 1.
- Os que estão embaixo no plano: canal 11.
- Roteador e entrada: canal 6.

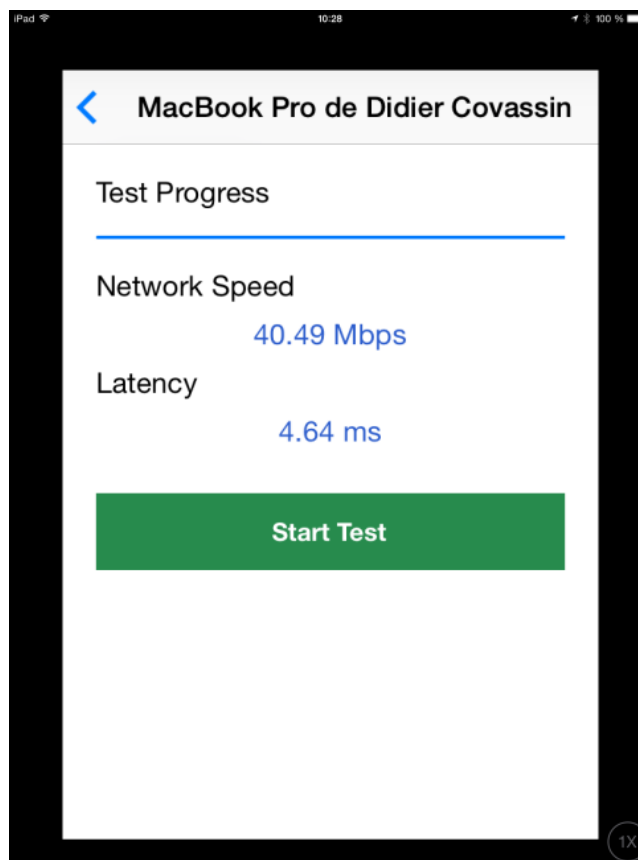
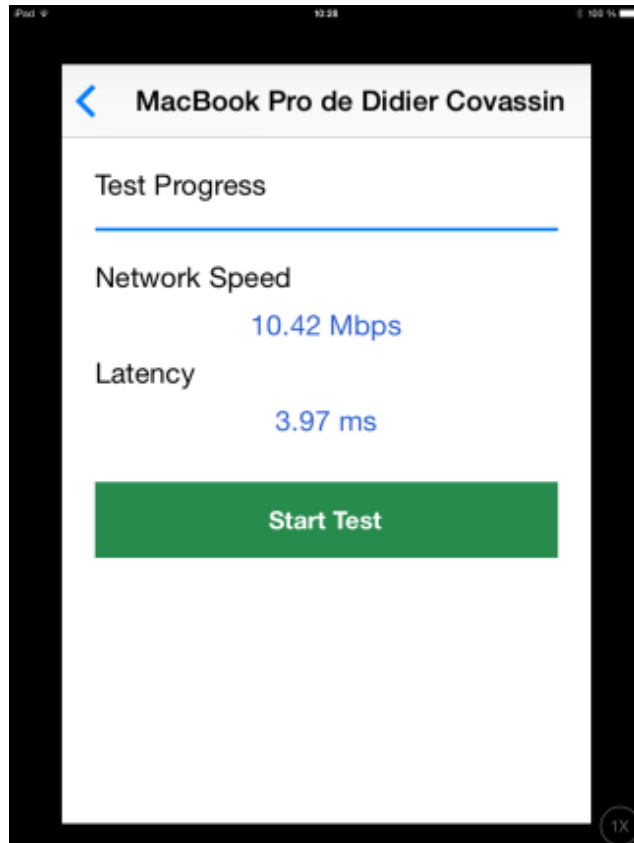
À proximidade imediata (menos de um metro) dos PA, os fluxos sobem até 70Mbps, mas assim que nos distanciamos um pouco, eles caem para oscilar entre 20Mbps e 30 Mbps, mas nunca abaixo de 10Mbps. Esse fluxo um pouco fraco é por causa, penso eu, da quantidade de PA presentes no prédio: os de Euronext(escritórios da Bolsa de Valores ainda em funcionamento no prédio, numa área não acessada pelo espetáculo) e aqueles destinados a seus visitantes assim como todos aqueles dos vizinhos que circundam a Bolsa.

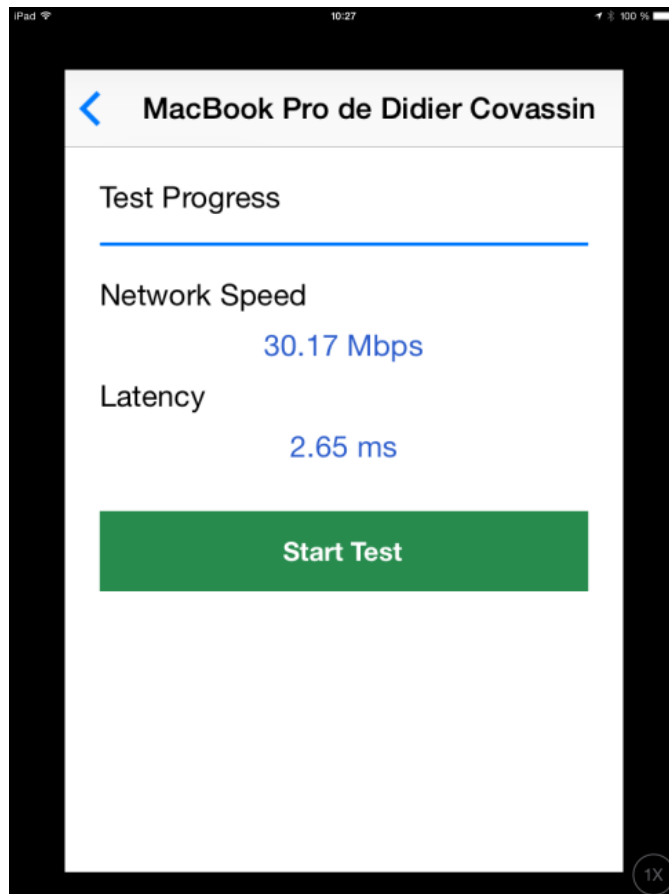
Aqui estão as medidas de fluxo com Speedy Net para Mac e iOS:











Operação em Wifi (Conclusões)



O espetáculo que aconteceu na Bolsa de Bruxelas terminou há uns dez dias. Eu vou tentar fazer uma pequena exposição sobre o que deu certo e o que não deu.

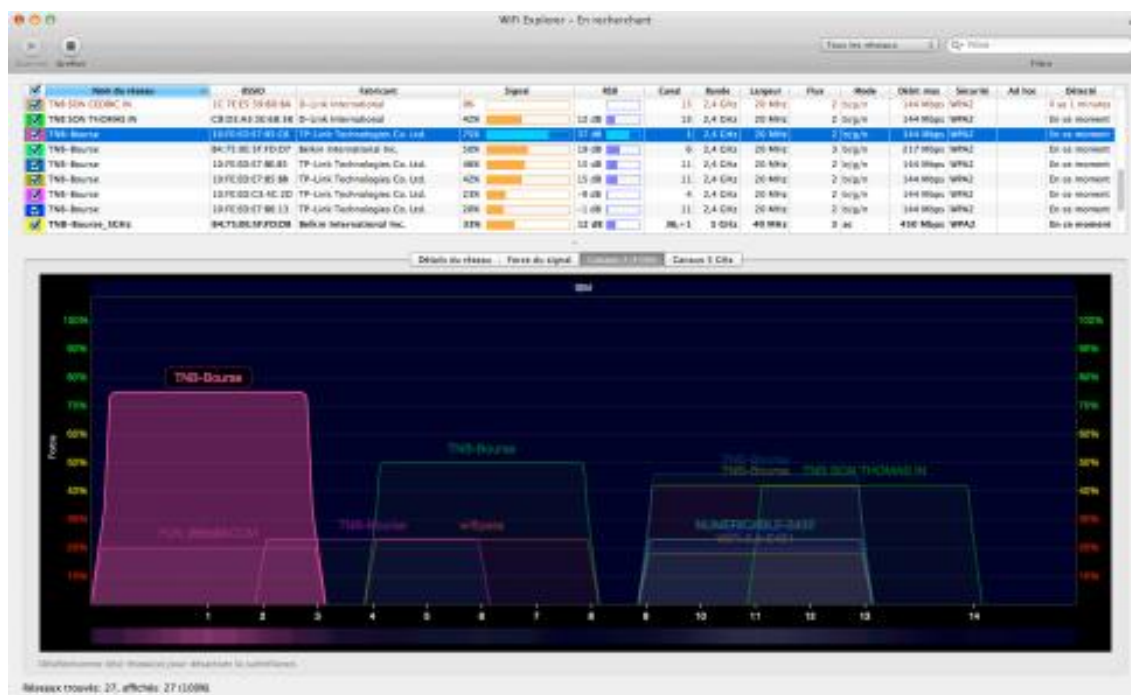
Utilização do espectro:

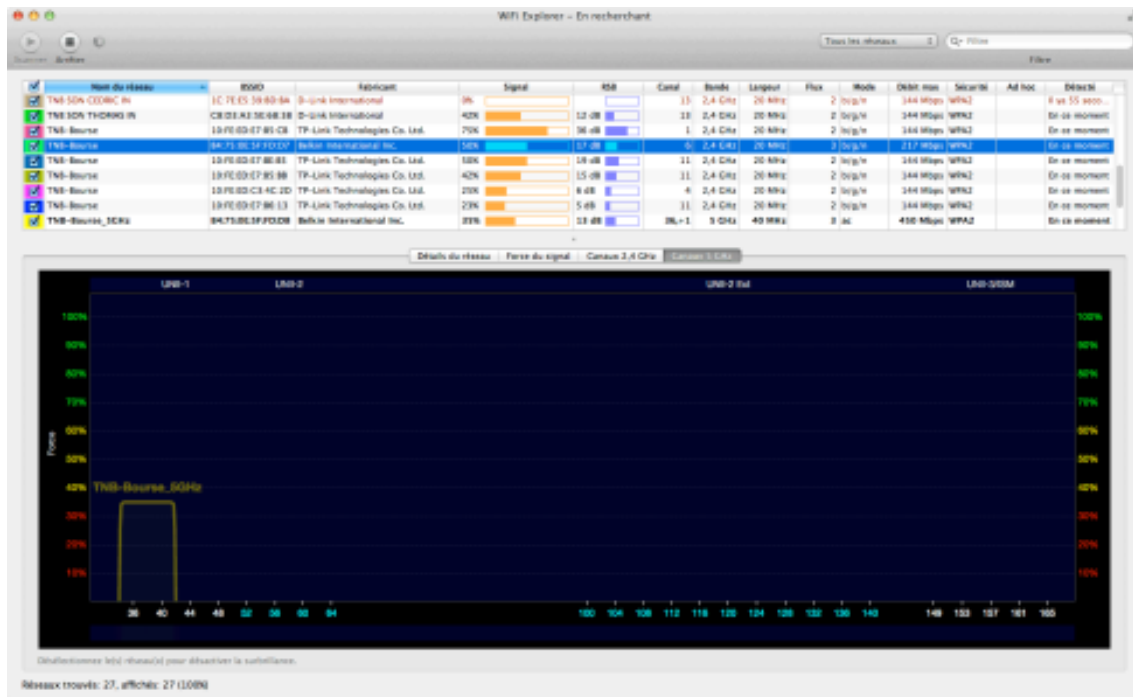
a) Problemas

A primeira bobagem que trouxe inúmeros problemas mais tarde foi a utilização da banda de frequência 2,4 GHz. Daí a importância de efetuar demoradamente testes antes de comprar o material.

Com efeito, contrariamente ao que se poderia pensar, o prédio não é uma fortificação. Toda a volta da grande sala é envidraçada e dá exatamente no nível dos apartamentos nos andares dos bistrôs que circundam o edifício. Imaginem como tem muitas BBox e outras maravilhas. Em qualquer lugar, na escadaria, por exemplo, podemos enumerar até uns cinquenta SSID diferentes.

Logo abaixo, duas capturas de tela do pequeno utilitário WiFi Explorer. Podemos constatar que a banda 2,4 GHz está muito sobrecarregada enquanto que a de 5GHz está praticamente deserta.

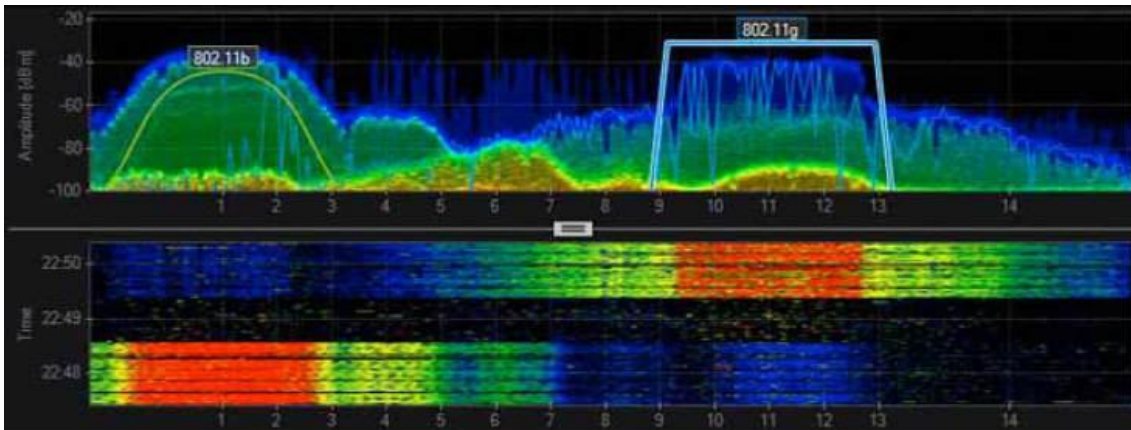




A escolha da frequência a ser utilizada em cada ponto de acesso wifi foi um quebra-cabeça importante. Enquanto a lógica pediria que se usassem os canais 1, 6 e 11 afastando ao máximo os PA que reutilizam as mesmas frequências, a realidade foi totalmente outra. Com efeito, alguns canais, ainda que relativamente livres nos gráficos de WiFi Explorer, ofereciam fluxos anêmicos. Provavelmente por causa das interferências provocadas por aparelhos que evoluíam em frequências vizinhas: Baby fone, câmeras de vigilância, (Cfr. [Artigo Wikipedia](#)),... Foi então preciso escolher empiricamente o canal ideal que oferecesse o melhor fluxo em cada PA (O aplicativo “Speedy Net” no Mac é muito bom para fazer isso). De maneira bastante incompreensível, os canais intermediários (4, 8, 13) às vezes se mostraram os melhores sem que os fluxos se ressentissem disso nos canais standards (1, 6, 11).

b) Compreender

Para compreender o comportamento um tanto esotérico do negócio, é possível investir em material como o de [MataGeek](#). Graças a um pequeno periférico USB (449 \$ ou 999 \$), é possível analisar a totalidade do espectro na banda 2,4 GHz e 5 GHz; o que não permite um simples cartão wifi. É então possível detectar os locais exatos do espectro a ser evitado.



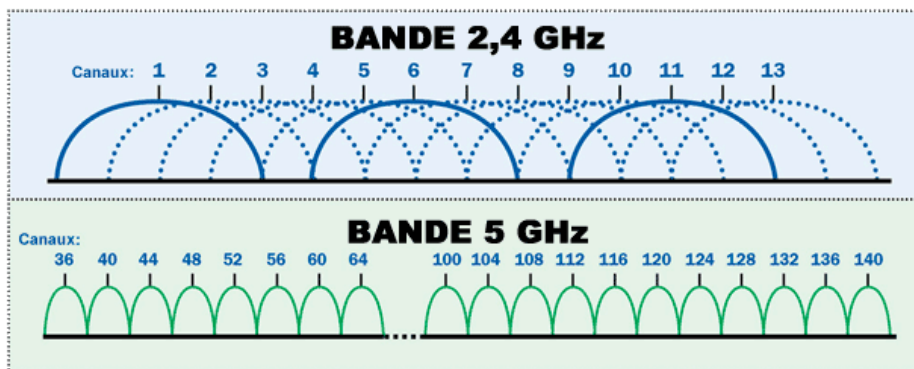
O 5 GHz:

A utilização da banda 5GHz apresenta atualmente muitas vantagens:

- É menos utilizada, pois os aparelhos que permitem aí evoluir ainda são um pouco caros.

- Todos os canais são separados e não se recobrem uns aos outros.

É, portanto, possível utilizar canais diferentes para cada PA e até “acoplar” 2 canais para usar uma banda de 40 Mhz de largura (ao invés de 20 MHz), o que permite aumentar mais os fluxos.



Os aplicativos:

A luz:

Na luz, nós utilizamos duas mesas de controle Light Palette da StrandLighting conectadas em rede. A primeira como Anfitriã conectada à rede de cabo Ethernet com todas as saídas DMX e a segunda como cliente, sobre uma mesa de rodinhas, conectada à rede via um PA configurado em cliente wifi.

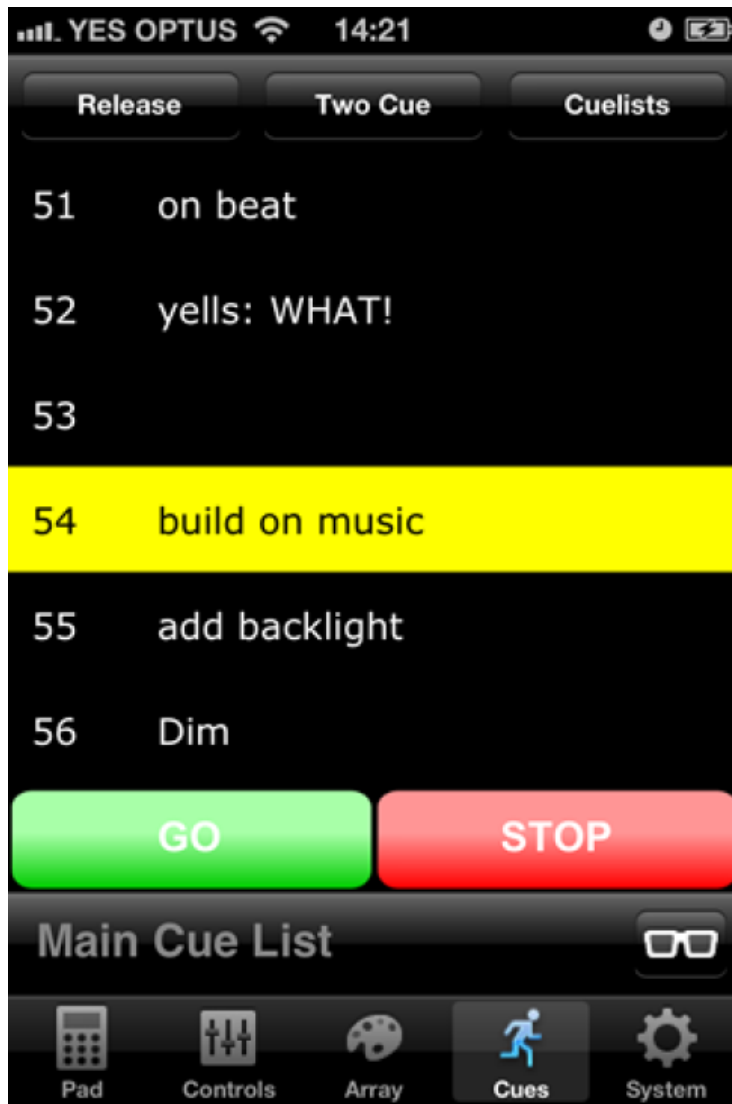


Para controlar a anfitriã durante as apresentações e em plena mobilidade, nós utilizamos o aplicativo “Palette iRFU” em iPad. Permite ler e controlar em tempo real as informações da mesa, enviar GOs e gerenciar uma lista de sinais de partida, aparências, posições...



Esse aplicativo é bem pouco guloso em banda larga e, fora alguns problemas devidos à saturação do wifi explicado mais acima, criou poucos problemas.





1	2	3	4	5	6	17	18	Release Outputs On Off Page Up Page Dwn Lock Page 1
0	0	FL	FL	0	0	0	43	
19	20	21	22	23	24	25	26	
43	0	0	56	56	56	56	56	
27	28	29	30	31	32	33	34	
FL	FL	FL	0	0	0	0	FL	
35	36	37	38	39	40	41	42	
0	0	0	FL	FL	FL	FL	FL	
43	44	45	46	47	48	49	50	
FL	FL	FL	FL	62	62	0	0	
51	52	53	54	55	56	57	58	

O som:

No que diz respeito ao som, os problemas foram muito mais importantes. Tratava-se de conectar 2 mesas de som, geograficamente separadas: uma Yamaha LS9 e uma M7CL, um iPad, 2 iMac e um MacBook Pro. O iPad controlava sucessivamente a LS9 e depois a M7CL e o MacBook Pro o primeiro iMac, depois o segundo.

- A Yamaha LS9 era controlada por LS9 StageMix no iPad.
- A Yamaha M7CL era controlada por M7CL StageMix no iPad.
- Os iMac executavam Ableton Live e eram controlados por um MacBook Pro via a Divisão de Tela (VNC).

Todo esse pequeno mundo poderia ter rodado sem problema na rede comum se a banda larga consumida por esses aplicativos não fosse colossal. Infelizmente, quando o fluxo não seguia, StageMix tinha tendência a pular, e depois a se desconectar. Eram necessárias às vezes várias dezenas de segundos para obter uma reconexão.

Estranhamente, pouco a pouco, essas desconexões se tornavam cada vez mais frequentes. A solução eficiente encontrada em um fórum foi “esquecer a rede” dentro dos parâmetros de configuração do iPad e transcrever sob novos parâmetros uma conexão (Rede, IP, Máscara,...).



Para resolver o problema, os *sondiers* instalaram 2 redes wifi autônomas suplementares. A primeira conectando a LS9, o iMac1 e o MacBook Pro e o iPad entre eles para a primeira parte do espetáculo sobre a escadaria. E a segunda conectando a M7CL, o iMac 2 e o MacBook Pro e o iPad entre eles para a segunda parte do espetáculo, no interior da Bolsa. A primeira contava um único ponto de acesso wifi e a segunda, dois.

Em resumo, o iPad servia para controlar os níveis e para deslocar os microfones na LS9 ou na M7CL enquanto que o MacBook Pro controlava Ableton Live em um dos dois iMac para o envio dos sons.

O vídeo:

O vídeo ficava em 1 iMac e 2 Mac Pro religados entre eles em Ethernet na rede comum. Todos os vídeo-projetores estavam igualmente religados à rede em Ethernet a fim de controlar seus parâmetros (focal, foco, trapézio,...) e o *shutter*. Em cada Mac foi Isadora de Troika Tronix que gerenciava todas as sequências de imagens. Uma máquina anfitriã controlava 2 outras máquinas clientes ao mesmo tempo em que difundia imagens ela própria. O todo era controlado por um iPad com o aplicativo TouchOSC.